

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

BELMIRO MEDEIROS DA COSTA JÚNIOR

**A RELEVÂNCIA DAS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA NA EXEGESE E OS
PROBLEMAS DE TRADUÇÃO COMO MOTIVADOR PARA SEU USO**

São Leopoldo

2013

BELMIRO MEDEIROS DA COSTA JÚNIOR

A RELEVÂNCIA DAS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA NA EXEGESE E OS
PROBLEMAS DE TRADUÇÃO COMO MOTIVADOR PARA SEU USO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia.

Orientador: Carlos Arthur Dreher

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837r Costa Júnior, Belmiro Medeiros da
A relevância das línguas originais da bíblia na
exegese e os problemas de tradução como principais
motivadores para seu uso / Belmiro Medeiros da Costa
Júnior ; orientador Carlos Arthur Dreher. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2013.
61 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Língua hebraica – Estudo e ensino. 2. Bíblia –
Hermenêutica. 3. Bíblia A.T. – Crítica textual. 4.
Tradução e interpretação. I. Dreher, Carlos Arthur. II.
Título.

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: Carlos A. Dreher
PROF. DR. CARLOS ARTHUR DREHER (PRESIDENTE)

2º Examinador: Flávio Schmitt
PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (EST)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que se preocupam em compreender a real vontade de Deus mediante a sua Palavra.

AGRADECIMENTOS

Tenho o coração agradecido por tudo. Muitas pessoas colaboraram comigo nessa grande caminhada. E a todas elas devo o meu agradecimento.

Mencionar o nome de todas, seria impossível! Então, tomo a liberdade de destacar apenas alguns nomes, sem os quais não teria chegado aqui.

A Deus pela sua graça em minha vida. Por me permitir iniciar e terminar este curso.

Ao professor Dr. Carlos Arthur Dreher, orientador deste trabalho, pelos conselhos, sabedoria, conhecimento, discussões em torno deste trabalho. Pelo seu incentivo em meio às circunstâncias desafiadoras ocorridas durante este trabalho.

À minha esposa Alessandra Medeiros, pela pessoa maravilhosa que é, pelo companheirismo, amor, apoio sincero e pela compreensão nos momentos de ausência por ocasião das viagens e das incontáveis horas dedicadas à confecção deste trabalho privado de sua doce presença.

Assim também, às minhas filhas Débora, Melissa e Fernanda, pelas muitas alegrias que têm concedido a mim e minha esposa e que souberam compreender a ausência do papai em muitos momentos.

À minha mãe Antonilda, por suas orações e incentivo.

Ao meu pastor Moisés Barbosa Moço, por sonhar comigo este mestrado. Por seus conselhos, orações e ajuda financeira. Não me sinto mais uma ovelha, mas sim, um filho.

Aos professores da área de Leitura e Ensino da Bíblia e da área de educação que também foram de extrema importância, pela oportunidade de crescimento, aprendizado, realização profissional e pessoal e pela confiança em mim depositada. A todos eles dedico a frase de Isaac Newton: “Se consegui ver mais longe é porque estava aos ombros de gigantes”.

RESUMO

A partir dos problemas de tradução, este trabalho se propõe a demonstrar a relevância do uso das línguas originais na exegese. Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo procurou-se trabalhar o conhecimento da língua hebraica, apresentando sua história, características e peculiaridades. Estas primeiras informações leva o leitor a perceber as várias diferenças que esta língua tem em relação às línguas ocidentais, levando-o, assim, a entender um pouco do trabalho que há para traduzir o Antigo Testamento. Ainda é apresentada uma explicação sobre a exegese, e como as línguas originais são importantes nesse processo. O pastor ou teólogo que usa os originais como instrumento para seus estudos exegéticos, passa a ter em seus sermões, estudos e aconselhamentos um teor mais profundo, teológico e menos superficial. Os mesmos podem pisar em terreno mais seguro com as línguas bíblicas. O segundo capítulo, traz uma compreensão sobre a tradução e suas dificuldades. Apresenta ainda uma explicação sobre signos linguísticos. Pois, não há como realizar uma boa tradução sem que o tradutor tenha em mente este assunto. O signo linguístico irá mostrar que os conceitos que temos hoje de determinadas palavras não são os mesmos que os ouvintes originais das Sagradas Escrituras tinham mais de dois mil anos atrás, no Oriente. O mesmo capítulo se propõe a apresentar e explicar os quatro tipos de traduções existentes. O trabalho é finalizado com o terceiro capítulo, que traz como estudo de caso nove textos bíblicos, contendo alguns problemas de tradução, como, paronomásia, onomatopéia, eufemismo, ambiguidade de sentidos, possíveis falhas na tradução e palavras em que os vocábulos não têm correspondentes satisfatórios em português. Este trabalho, não pretende mostrar que quem conhece e usa as línguas originais terá todas as respostas na exegese. O ponto aqui é apresentar à comunidade acadêmica, a exegetas, pregadores, entre outros, alguns pontos que dão às línguas originais, uma grande importância na exegese, convidando-os a sair da superfície do texto sagrado e, assim, começar a “escavá-los”¹, pois, o tesouro, que pode representar a real intenção do escritor sagrado, nem sempre está na superfície, mas dentro do texto. O leitor deste trabalho terá a percepção de que o hebraico é uma língua fascinante, instigadora e desafiadora, pois o mesmo traz outras propostas de significado e de intenção do texto, desconstruindo pensamentos de até mesmo doutrinas bíblicas. Diante de toda uma responsabilidade que o teólogo, exegeta, biblista e pastor têm frente à comunidade acadêmica, eclesial e de toda a sociedade, de trazer respostas às várias questões referentes às Sagradas Escrituras, que surgem a cada momento, não há como negar a importância deste trabalho e sua proposta.

Palavras-chave: Línguas originais. Língua hebraica. Exegese. Tradução.

¹ Claro que este processo de “escavação”, não se dá apenas com as línguas originais, mas também, com todo o material que a metodologia da exegese propõe.

ABSTRACT

Based on translation problems, this paper proposes to demonstrate the relevance of using the original languages in exegesis. This paper is divided into three chapters. In the first chapter we sought to deal with the knowledge of the Hebrew language, presenting its history, characteristics and peculiarities. This first information will lead the reader to perceive the various differences which this language has with regard to the Western languages, thus leading the reader to understand a little of the work demanded to translate the Old Testament. Besides this, there is an explanation about exegesis and how the original languages are important in this process. The pastor or theologian who uses the original languages as instruments in his/her exegetical studies will have a deeper theological content, being less superficial in their sermons. These people will be able to step on surer ground with biblical languages. The second chapter presents a comprehension about translation and its difficulties. It also presents an explanation about the linguistic signals. For one cannot carry out a good translation without having this subject in mind. The linguistic signal will show us that the concepts which we have today about certain words are not the same which the original hearers of the sacred scriptures had more than two thousand years ago in the East. The same chapter intends to present and explain the four types of existing translations. The paper ends with the third chapter, which brings as case studies, nine biblical texts containing some translation problems, such as paronomasia, onomatopoeia, euphemism, meaning ambiguities, possible mistakes in the translation and words which have no satisfactory equivalents in Portuguese. This paper does not intend to show that those who know the original languages and use them will have all the answers in exegesis. The point here is to present to the academic community, exegetes, preachers, among others, some points which give the original languages a great importance in exegesis, inviting them to leave the surface of the sacred text and thus, begin to “dig into them”², since the treasure, which can represent the real intention of the sacred writer, is not always on the surface, but within the text. The reader of this paper will have the perception that Hebrew is a fascinating, instigating and challenging language, because it brings other proposals of meaning and of intention of the text, deconstructing thoughts and even biblical doctrines. Faced with all the responsibility which the theologian, exegete, biblicist and pastor have with regard to the academic, ecclesiastical community and with all of society, to bring answers to the various issues referring to the Sacred Scriptures which arise every moment, there is no denying the importance of this work and its proposal.

Key words: Original languages. Hebrew language. Exegesis. Translation.

² Of course, this process of “digging” does not take place only through the original languages but also through all the material which exegetical methodology provides.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação do grupo de línguas semíticas	15
Quadro 2 – Alfabetos quadrático e paleo-hebraico	18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A LÍNGUA HEBRAICA E A EXEGESE	15
1.1 História do Hebraico Bíblico e suas características e peculiaridades..	15
1.2 Uma compreensão sobre exegese e sua aplicação.	22
1.2.1 Exegese.	22
1.2.2 A transmissão dos resultados da exegese através da homilética e da didática.	25
2 COMPREENDENDO A TRADUÇÃO	31
2.1 Signo Linguístico: Significado e Significante	33
2.2 Diferentes tipos ou formas de tradução.	36
2.2.1 Tradução literal demais.	37
2.2.2 Tradução literal modificada	38
2.2.3 Tradução idiomática.	39
2.2.4 Tradução livre demais.	40
3 ESTUDO DE CASO EM NOVE TEXTOS BÍBLICOS.	41
3.1 Paronomasia	41
3.1.1 Primeiro texto: Amós 8.2	41
3.1.2 Segundo texto: Isaías 5.7	43
3.1.3 Terceiro texto: Jeremias 1.11-12	44
3.2 Onomatopéia	47
3.2.1 Quarto texto: Juízes 5:22	48
3.3 Eufemismo	48
3.3.1 Quinto texto: 1 Samuel 25:22	48
3.3.2 Sexto texto: Jó 2:9	50
3.4 Ambiguidades de sentidos.	51
3.4.1 Sétimo texto: Salmo 116:15	51
3.5 Possíveis falhas nas traduções.	52
3.5.1 Oitavo texto: Provérbios 22:6	52
3.6 Palavras que não têm correspondentes satisfatórios em português	54
3.6.1 Nono texto: Números 6:26	54
CONCLUSÃO	57

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 61

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é, em linhas gerais, demonstrar de que forma as línguas originais das Sagradas Escrituras são relevantes no processo exegético. Propõem-se, então, a investigar os problemas e dificuldades que ocorrem na tradução e demonstrar que estes problemas são um dos principais porquês de se usar estas línguas no trabalho da exegese.

Alguns estudiosos vão concordar que, em um processo metodológico de exegese, o primeiro passo, após escolher o texto, é fazer uma tradução própria provisória do texto em estudo. O resultado deste ato é a primeira objetivação de um esforço em compreender o texto. É dito ainda que, além da tradução provisória, deve ser feita uma tradução final do texto, a qual levará em conta as descobertas feitas durante toda a caminhada exegética.

Deve-se levar em conta que, além destas traduções no início e no final da exegese, dentro do método histórico-crítico, não há como fazer a crítica textual do texto sem a compreensão da língua original. Na crítica textual, são observadas e analisadas as variantes que ocorrem entre as outras cópias do texto original. Se estas variantes estão na língua original, logo não há como realizar esta tarefa sem o conhecimento e o uso da mesma.

Esta pesquisa propôs-se ainda a trabalhar somente com a língua original do Antigo Testamento, no caso, a língua hebraica.³ Desta forma, dentro dos limites de páginas propostos por este trabalho, houve espaço para trabalhar sua história, características, peculiaridades e fixar-se em textos apenas do Antigo Testamento como estudo de caso.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo procurou-se trabalhar o conhecimento da língua hebraica, apresentando sua história, características e peculiaridades. Estas primeiras informações levarão o leitor a perceber as várias diferenças que esta língua tem em relação às línguas ocidentais, levando, assim, a entender um pouco do trabalho que há para traduzir o Antigo Testamento.

³ O Antigo Testamento foi escrito originalmente em hebraico, com exceção de Esdras 4.8 – 6.18; 7.12 – 26; Daniel 2.4 – 7.28; Jeremias 10.11 e duas palavras em Gênesis 31.47, que foram escritos em aramaico. Também o Novo Testamento foi escrito originalmente em grego koinê.

Ainda no primeiro capítulo, é apresentada uma explicação sobre a exegese e sobre como as línguas originais são importantes nesse processo. O pastor ou teólogo que usa os originais como instrumento para seus estudos exegéticos, passa a ter em seus sermões, estudos e aconselhamentos um teor mais profundo, teológico e menos superficial e pisar em terreno mais seguro com as línguas bíblicas.

O segundo capítulo traz uma compreensão sobre a tradução e suas dificuldades. Apresenta ainda uma explicação sobre signos linguísticos, pois não há como realizar uma boa tradução sem que o tradutor tenha em mente este assunto. O signo linguístico irá mostrar que os conceitos que temos hoje de determinadas palavras, não são os mesmos que os ouvintes originais das Sagradas Escrituras tinham há mais de dois mil anos no Oriente.

Existem quatro tipos de traduções, as quais podem ser classificadas como: tradução literal demais; tradução literal modificada; tradução idiomática; e tradução livre demais. Cada um destes tipos de tradução tem seu grau de importância para um público específico. Este capítulo também explica cada um destes quatro tipos de tradução, exemplificando-os para melhor compreensão.

O trabalho é finalizado com o terceiro capítulo, que traz como estudo de caso nove textos bíblicos, contendo alguns problemas de tradução, como, paronomásia, onomatopéia, eufemismo, ambiguidade de sentidos, possíveis falhas na tradução e palavras que não têm correspondentes satisfatórios em português.

Este trabalho não pretende mostrar que quem conhece e usa as línguas originais terá todas as respostas na exegese, pois, é certo que há textos bíblicos, nos quais, mesmo compreendendo as línguas, não há como chegar à real intenção do autor sagrado. É difícil transpor este grande abismo cronológico e linguístico. Há palavras, construções sintáticas e intenções que dificilmente se podem resgatar.

Claro que estas dificuldades de resgate são ínfimas. O ponto aqui é apresentar à comunidade acadêmica, a exegetas, pregadores, entre outros, alguns pontos que dão às línguas originais, uma grande importância na exegese, convidando-os a sair da superfície do texto sagrado e, assim, começar a “escavá-los”, pois o tesouro que pode representar a real intenção do escritor sagrado nem sempre está na superfície, mas dentro do texto.

O leitor deste trabalho terá a percepção de que o hebraico é uma língua fascinante, instigadora e desafiadora, pois o hebraico traz outras propostas de

significado e de intenção do texto, desconstruindo pensamentos e até mesmo doutrinas bíblicas.

Diante de toda uma responsabilidade que o teólogo, exegeta, biblista e pastor têm frente à comunidade acadêmica, eclesiástica e de toda a sociedade, de trazer respostas às várias questões referentes às Sagradas Escrituras, que surgem a cada momento. Responsabilidade esta de não trazer qualquer resposta que acabe distorcendo a doutrina e, assim, prejudicando o modo de viver cristão, exigindo, assim, uma exegese bem trabalhada. Não há como negar a importância deste trabalho e sua proposta. Enfim, pode ser ampliado em outras discussões e mesmo discordâncias, pois entende-se que as antíteses somam ao conhecimento.

1 A LÍNGUA HEBRAICA E A EXEGESE

1.1 História do Hebraico Bíblico e suas características e peculiaridades

A língua hebraica pertence ao grupo das línguas semíticas. “Se entende por semítico um grupo de línguas orientais antigas que apresentam um conjunto de características comuns e uma determinada distribuição geográfica”.⁴ Esta nomenclatura “língua semítica” possui relação com o personagem Sem (cf. Gn 10.21-31), um dos filhos de Noé, e que teria sido o ancestral dos povos de origem semita.⁵

Estes grupos podem ser classificados da seguinte forma, como mostra o quadro abaixo:

GRUPO NORDESTE (Norte – oriental)	GRUPO NOROESTE (Norte – ocidental)	MERIDIONAL
Acádio (cuneiforme);	Hebraico	Árabe
Assírio	Hebraico samaritano	Etíope
Babilônico	Aramaico	Sabeu
	Siríaco	Mineu
	Ugarítico	
	Fenício	
	Canaanita	
	Moabita	

⁴ SOUZA, Marcos Antônio de. **O Dicionário de Hebraico Bíblico de Brown, Driver e Briggs (BDB) Como Modelo de Sistema Lexical Bilíngue – Um Estudo da Lexicografia Hebraica Bíblica Moderna**. Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Orientador: Professor Doutor Philippe Humblé, Florianópolis, 12 de dezembro de 2008, p. 6.

⁵ FRANCISCO, Edson de Faria. **Língua Hebraica: Aspectos Históricos e Características**. Texto publicado em Estudos de Religião 21, Ano XV, dezembro, 2001, p. 165-195, sob o título “Características da Língua Hebraica: Hebraico Arcaico, Hebraico Pré e Pós-Exílico, Hebraico de Qumran e Hebraico Massorético de Tiberíades”. 2001, p. 1, pdf.

	'Edomita Púnico Nabateu	
--	-------------------------------	--

Quadro 1 – Classificação do grupo de línguas semíticas
Fonte: FRANCISCO, 2001, p. 1.

Tanto o hebraico, quanto o aramaico possuem herança direta do fenício. O aramaico representa o desenvolvimento estilizado da escrita fenícia, culminando no surgimento da escrita “quadrada”, assim chamada devido à tendência dos tipos de se adaptarem, geralmente, à forma de um quadrado. Conforme Souza⁶, As principais características comuns destes idiomas são fonéticas; raízes trilaterais; determinação morfológica; e sintaxe.

Assim como toda língua viva que se desenvolve e se modifica ao longo do tempo, também o hebraico sofreu alterações durante a sua evolução como idioma falado e escrito do povo judeu. Através dos séculos, sua morfologia, sua fonologia e seu vocabulário sofreram modificações, podendo ser percebidos através de muitos documentos antigos e modernos.⁷

Sáenz-Badillos e Rabin *apud* Francisco⁸ classificam e datam estes períodos históricos do hebraico da seguinte forma:

Hebraico arcaico: séc. XIII ao séc. X a.C.

Hebraico pré-exílico ou hebraico clássico: séc. X ao séc. VI a.C.

Hebraico pós-exílico ou hebraico tardio: séc. VI a.C. ao séc. II a.C.

Hebraico de Hirtbet Qumran: II a.C. ao séc. II d.C.

Hebraico rabínico ou hebraico talmúdico ou ainda neo-hebraico: séc. II ao séc. X d.C.

Hebraico medieval: séc. X ao séc. XV.

Hebraico moderno ou hebraico israelense: séc. XVI ao séc. XXI.

⁶ SOUZA, 2008, p. 6.

⁷ FRANCISCO, 2001, p. 2.

⁸ FRANCISCO, 2001, p. 2.

O hebraico arcaico, pré-exílico e pós-exílico⁹, correspondem aos períodos em que os livros bíblicos originais foram escritos. Podemos calcular um período de quase mil anos de produção do Antigo Testamento. Conforme Souza¹⁰, este foi o hebraico utilizado para a produção da Bíblia e constitui a base do hebraico moderno, contribuindo com o núcleo formal dos sistemas e das formas gramaticais: a estrutura do substantivo, as conjugações da maioria das construções verbais, bem como os tempos verbais.

Não há a pretensão aqui de discorrer sobre toda a história da língua hebraica, mas apenas falar um pouco sobre os três períodos citados acima, que representam o tempo de produção dos textos bíblicos. Não há, ainda, necessidade de falar sobre os períodos posteriores, por entender que, se assim for, sairei dos objetivos deste trabalho.

Nos dois primeiros períodos, o arcaico e o pré-exílico, que vão do século XIII ao século VI, a língua falada e escrita era a canaanita. Após as tribos israelitas se estabelecerem em Canaã, no século XIII a.C., não se apossaram apenas das terras e casas, mas também da língua local dos cananeus, isto é, o canaanita.

A língua de Canaã passou, então, a ser a língua falada e escrita de Israel até ao final do período monárquico (VI século a.C.). No texto bíblico, o idioma dos israelitas nunca é denominado “hebraico”, mas, שֵׁפַת כְּנַעַן (sefat kena ‘ an) “língua de Canaã”¹¹ e יְהוּדִית (yehûdit) “judaico”¹², denotando, assim, ser o idioma oficial de Judá e de Jerusalém e utilizado como forma padrão de linguagem para composição de textos.

No período pré-exílico, o alfabeto era o paleo-hebraico, adaptado do alfabeto canaanita. Este alfabeto era diferente do alfabeto quadrático que se conhece hoje. O alfabeto quadrático que conhecemos pertence ao período pós-exílico, pois o mesmo era de uso da língua aramaica, que no período do exílio era o “idioma mais difundido no Oriente Médio, nesse período, tornou-se também a língua de comunicação

⁹ Os termos pré e pós-exílico, são usados para referir-se aos tempos antes e depois do exílio babilônico, o qual durou cerca de 70 anos.

¹⁰ SOUZA, 2008, p. 7.

¹¹ Isaías 19.18

¹² Isaías 36.11, 13; 2Reis 18.26, 28; Neemias 13.24 e 2Crônicas 32.18.

escrita entre o povo desse império que ia desde a Índia até Núbia, ao norte do Sudão”.¹³

Esse idioma (aramaico) também já tinha se tornado o idioma internacional do comércio e das relações diplomáticas. A convivência do povo judeu cativo com os babilônios por cerca de setenta anos os fez assimilar tanto a língua aramaica quanto o seu alfabeto. Abaixo está um quadro apresentando os alfabetos paleo-hebraico e o quadrático com seus caracteres correspondentes um ao outro paralelamente.

NOME DA LETRA	ABECEDÁRIO QUADRÁTICO	ABECEDÁRIO PÁLEO-HEBRAICO
'āleḗ	𐤀	𐤀
bêt	𐤁	𐤁
gîmel	𐤂	𐤂
dāleṭ	𐤃	𐤃
hē	𐤄	𐤄
wāw	𐤅	𐤅
zāyin	𐤆	𐤆
ḥēṭ	𐤇	𐤇
ṭēṭ	𐤈	𐤈
yōḏ	𐤉	𐤉
kaḗ	𐤊	𐤊
lāmeḏ	𐤋	𐤋
mēm	𐤌	𐤌

¹³ CAVALCANTI, Mônica Regina Lopes. **Empréstimos: a influência da língua inglesa na língua hebraica moderna**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Letras. Orientador: Prof^a. Dra. Eliana Rosa Langer. 2009, p.31, pdf.

nûn	נ	𐤒
sāmek	ס	𐤑
‘ayin	ע	𐤍
pēh	פ	𐤍
ṣādēh	צ	𐤚
qōp	ק	𐤒
rēš	ר	𐤓
śîn	ש	𐤑
tāw	ת	𐤕

Quadro 2 – Alfabetos quadrático e paleo-hebraico
Fonte: FRANCISCO, 2001, p. 21.

Como já foi dito, no período do exílio babilônico, os judeus, além de usarem o alfabeto aramaico, começaram também a falar o aramaico em suas relações com seus dominadores e com as nações vizinhas. Conforme Cavalcanti¹⁴, esse exílio durou setenta anos, tempo suficiente para as pessoas nascidas no cativeiro terem netos. Setenta anos é tempo suficiente até mesmo para esquecer a língua materna.

Quando os judeus retornaram de seu exílio na Babilônia por ordem do rei Ciro da Pérsia (538 a.C.), na mesma época em que ocorreram as atividades de Esdras, Neemias e dos profetas Ageu e de Zacarias, o aramaico tinha se tornado língua comum de comunicação entre os exilados judeus.

O hebraico continuava a existir como língua da população, porém, com a presença de muitos “aramaísmos” na língua hebraica. Conforme Joüon e Muraoka *apud* Francisco¹⁵, além do vocabulário, o aramaico também influenciou a sintaxe e a morfologia do hebraico pós-exílico.

Os textos bíblicos dão a entender certa dificuldade com relação àqueles que não falavam mais a língua hebraica após o retorno do exílio babilônico. O livro de

¹⁴ CAVALCANTI, 2009, p. 31.

¹⁵ FRANCISCO, 2001, p. 9.

Neemias, capítulo oito, versículo oito, mostra o momento em que Esdras lê o livro da lei – que estava escrito em hebraico – diante do povo, e os levitas tinham o trabalho de explicar o sentido do texto em aramaico.

“E Jesua, e Bani, e Serebias, e Jamim, e Acube, e Sabetai, e Hodias, e Maaséias, e Quelita, e Azarias, e Jozabade, e Hanã, e Pelaías, e os levitas ensinavam ao povo na Lei; e o povo estava no seu posto. E leram o livro, na Lei de Deus, e, declarando e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse”.

Uma das características do alfabeto hebraico, é que não existiam vogais, mas apenas as consoantes. As pessoas cresciam aprendendo a pronúncia de cada palavra. O som das vogais existia na pronúncia, porém, não havia representação escrita dos seus sons.

Para melhor compreensão: uma pessoa que desde o início de sua alfabetização tivesse aprendido a escrever a palavra “paralelepípedo” desta forma “PRLPPD”, então, quando encontrasse em algum texto ou frase a palavra “PRLPPD”, leria “PARALELEPÍPEDO”, usando no som de sua voz todas as vogais que não estão presentes na escrita.

Assim, entre os séculos VII e X, com o hebraico em declínio como língua falada e a preocupação de que pudesse ser esquecido totalmente assim como a pronúncia de suas palavras, um grupo conhecido como massoretas elaborou um sistema de vocalização do texto consonantal da Bíblia Hebraica. Este sistema possui sinais gráficos que seriam alocados acima, abaixo e ao lado das consoantes, representando, assim, as nossas vogais a, e, i, o e u.¹⁶

Com a presença das vogais nas consoantes, as palavras agora poderiam ser soletradas, e, assim, não haveria mais o perigo de perderem a sua pronúncia. Todas as edições impressas da Bíblia Hebraica receberam a vocalização, a acentuação e as notas da massorá elaboradas pelos massoretas. O Texto Massorético é considerado o texto oficial e padrão da Bíblia Hebraica desde a época de conclusão das atividades massoréticas (séc. X). Todas as gramáticas e dicionários de hebraico bíblico também são baseados nesse mesmo texto.

¹⁶ FRANCISCO, 2001, p. 14.

Outra característica da língua hebraica é que a mesma é escrita da direita para a esquerda. A *Tanak*¹⁷ – a Bíblia dos judeus – tem o seu começo onde para nós estaria o final do livro. Outra característica importante é o fato de que as raízes verbais são triconsonantais, ou seja, formadas por três letras consoantes.

A língua hebraica possui ainda uma gama de peculiaridades em seu sistema verbal, que se diferenciam do sistema ocidental. A começar pelo tempo, pois, os judeus não olhavam tanto para o tempo – passado, presente e futuro –, mas o tempo era expresso pela ação do verbo. Se a ação era considerada realizada ou terminada, então o verbo estava no perfeito. Se a ação era considerada em realização ou ainda não terminada, então o verbo estava no imperfeito.

O perfeito pode ser traduzido para nossa língua no tempo pretérito perfeito¹⁸, pois se entende que a ação já foi realizada. O problema é que o sentido de ação completa não é expresso de maneira tão clara.¹⁹ Ou seja, o perfeito, também pode ser traduzido em outros tempos, dependendo do contexto até mesmo no futuro do presente.²⁰ O mesmo ocorre com o imperfeito, o qual, num primeiro momento, pode ser traduzido para o tempo futuro do presente, mas, dependendo do contexto, pode também ser traduzido para outros tempos, até mesmo o pretérito perfeito.

Por conta dessas questões de clareza, não há como traduzir um verbo apenas verificando se está no perfeito ou imperfeito, mas olhando para seu contexto também. Com esta explicação, já dá para entender um pouco do trabalho que há para traduzir o Antigo Testamento. O tradutor, então, precisa ser também um bom exegeta. A tradução dependerá da forma como o mesmo interpreta o contexto.

Há ainda os graus do verbo, que são “modalidades da língua hebraica que expressam aspectos diferentes da ação verbal, considerada como simples, como intensiva ou como causativa”.²¹ Um exemplo de como funcionam estes graus pode ser dado através do verbo escrever na primeira pessoa, no tempo presente. No grau

¹⁷ *Tanak* é a sigla que vem das palavras hebraicas תורה נביאים כתובים (*tōrah nəḇī'im ketūbīm*) “Lei, Profetas e Escritos”, que são as suas três principais divisões.

¹⁸ KELLEY, Page. **Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória**. Tradução de Marie Ann Wangen Krahn. – São Leopoldo, 1998, p. 118.

¹⁹ GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do hebraico**. 2. ed. rev. – São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 123.

²⁰ GUSSO, 2008, p. 123.

²¹ MENDES, Paulo. **Noções de hebraico bíblico**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2005, p. 152.

simples é “eu escrevo”. No grau intensivo pode ser eu escrevo muitas vezes. E no grau causativo pode ser “eu obrigo a escrever”.

A língua hebraica, também é uma língua que tem muitos prefixos e sufixos, tanto em seus substantivos quanto em seus verbos. Algumas preposições, o artigo, uma conjunção, etc. –, que não são comuns se unirem aos substantivos em nossa língua –, são afixados na língua hebraica.

Existem, ainda, outras peculiaridades da língua hebraica. Apresentei aqui apenas algumas, para dar uma ideia de que não é simples fazer uma tradução desta língua por conta dessas particularidades próprias. Por isso também podemos dizer que a língua hebraica é tão apaixonante, pois nos instiga e desafia a entendê-la para compreender o texto. O que este ou aquele texto quer dizer de fato? Qual seria o verdadeiro sentido do texto?

1.2 Uma compreensão sobre exegese e sua aplicação.

Faz-se necessária a análise dos termos citados acima, pelo fato de estarem sempre em uso por líderes do contexto eclesial. Estaremos mostrando que a língua hebraica é de extrema importância para uma boa exegese da Bíblia. A transmissão dos resultados da exegese ocorre por meio do sermão (homilética) ou ensino bíblico (didática). Entende-se, com isso, que estas três palavras (exegese, homilética e didática) estão interligadas. Não há como separá-las, pois, se não for assim, não haverá sucesso na pregação e no ensino. Tanto a homilética quanto a didática precisam estar baseadas na exegese para serem válidas. Conforme Zuck²², um bom expositor é antes de qualquer coisa um bom exegeta.

1.2.1 Exegese.

A exegese é uma ferramenta da hermenêutica. A palavra deriva do verbo grego ἐξηγέομαι (*exēgéomai*), podendo-se explicar o seu sentido de duas maneiras. A

²² ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradução Cesar de F. A. Bueno Vieira. – São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 15.

primeira é explicada por Gingrich e Danker²³, significando: interpretar, explicar, contar, descrever, relatar, fazer conhecido e dar notícias de. A segunda maneira se dá pelo fato da palavra grega ἐξηγήομαι (*exēgēomai*) ser a junção de duas palavras, a preposição ἐκ (*ek*), que quer dizer “do interior”, “de dentro de”²⁴; e o verbo ἡγήομαι (*ēgēomai*), que significa “conduzir”. Ou seja, “tirar a mensagem do próprio texto, fazendo com que ele fale por si mesmo”.²⁵

Conforme Beekman e Callow²⁶, o propósito imediato da exegese é determinar, com o máximo de precisão, usando todos os meios possíveis, o que o escritor do original quis dizer quando ditou ao copista, ou escreveu ele mesmo, as palavras, locuções e períodos. Entende-se então que a mesma (exegese) procura verificar qual a intenção original do autor sagrado.

A exegese é o estudo cuidadoso e sistemático da Escritura para descobrir o significado original que foi pretendido. A exegese é basicamente uma tarefa histórica. É a tentativa de escutar a Palavra conforme os destinatários originais devem tê-la ouvido; descobrir qual era a intenção original das palavras da Bíblia. Esta é a tarefa que frequentemente exige a ajuda do “perito,” aquela pessoa cujo treinamento a ajudou a conhecer bem o idioma e as circunstâncias do texto no seu âmbito original.²⁷

Esta “tarefa histórica” citada acima, é a finalidade principal da exegese, pois a Bíblia é um livro antigo. Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, tido por muitos como um dos mais antigos do Antigo Testamento, foi escrito por volta do século 13 a.C., aproximadamente. E Apocalipse, o último livro escrito da Bíblia, foi escrito ainda no primeiro século da era Cristã.

Conforme Zuck²⁸, para que haja uma boa exegese, é preciso transpor os abismos do tempo (cronológico), do espaço (geográfico), dos costumes (cultural), da escrita (literário), o abismo espiritual e o do idioma (linguístico). Em outras palavras,

²³ GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do NT grego/português**. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 77. pdf.

²⁴ TAYLOR, William Carey. **Introdução ao estudo do novo testamento grego: dicionário**. 6. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1980, p. 66.

²⁵ GUSSO, Antonio Renato. **Gramática Instrumental do Hebraico**. 2. ed. revisada – São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 210.

²⁶ BEEKMAN, John; CALLOW John. **A Arte de Comunicar e Interpretar a Palavra Escrita**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

²⁷ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 19.

²⁸ ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradução Cesar de F. A. Bueno Vieira. – São Paulo: Vida Nova, 1994.

é necessário analisar os contextos histórico, geográfico, cultural e literário em que o texto foi escrito, e, é claro, verificar a língua original.

Portanto, além desta reconstrução sócio-cultural-histórica do ambiente em que foi escrito o texto, a verdadeira exegese deve valer-se também da leitura e interpretação dos textos em suas línguas originais, no caso a língua hebraica. Não há como chegar à ciência da intenção do autor sagrado sem o conhecimento e uso das línguas originais.

Silva²⁹, Wegner³⁰ e Stuart³¹ vão concordar que, em um processo metodológico de exegese, o primeiro passo, após escolher o texto, é fazer uma tradução própria provisória do texto em estudo. “O resultado deste ato, é a primeira objetivação de nosso esforço em compreender o texto”.³²

É dito ainda que, além da tradução provisória, deve ser feita uma tradução final do texto, a qual levará em conta as descobertas feitas durante toda a caminhada exegética. Stuart³³ aconselha fazer notas de rodapé para palavras com outras possibilidades de tradução.

Deve-se levar em conta ainda que, além destas traduções no início e no final da exegese, dentro do método histórico-crítico, não há como fazer a crítica textual do texto sem a compreensão da língua original. Na crítica textual, são observadas e analisadas as variantes que ocorrem entre as outras cópias do texto original. Se estas variantes estão na língua original, logo, não há como realizar esta tarefa sem o conhecimento e uso da mesma.

Com isso, dá para perceber a complexidade de não estarmos lendo o texto na sua língua original e das desvantagens que isto nos proporciona quanto ao completo entendimento ao expositor. O pastor ou teólogo que usa os originais como instrumento para seus estudos exegéticos, passa a ter em seus sermões, estudos e aconselhamentos um teor mais profundo, teológico e menos superficial. Muitos podem pisar em terreno mais seguro com as línguas bíblicas.

É claro que em nem todos os textos bíblicos as línguas originais serão relevantes, de modo a trazer alguma informação importante. Às vezes, a informação

²⁹ SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese bíblica**. – São Paulo: Paulinas, 2000, p. 30.

³⁰ WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. – São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 46.

³¹ STUART, Douglas. **Manual de Exegese bíblica**. Tradução Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. – São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 33.

³² SILVA, 2000, p. 30.

³³ STUART, 2008, p. 35.

relevante no texto estará apenas no pano de fundo histórico, ou cultural, ou em outro tipo de contexto. Porém, não há como saber. É necessário verificar o texto em todo o seu contexto.

Ferreira³⁴ chama a atenção para o fato de que, infelizmente, na maioria das vezes a exegese é considerada uma função do biblista perito, daquele que, quando completo, é, ao mesmo tempo, hebraísta, aramaísta e helenista, daquele cuja formação o armou do conhecimento do lingüista, do crítico de texto e do intérprete ou exegeta, de modo a estar sensível às diversas chamadas do texto. Essas chamadas é que determinarão a escolha das ferramentas apropriadas para a busca da intenção do autor.

Porém, quando se fala de sensibilidade, não podemos pensar que apenas o biblista perito pode tê-la. Pelo contrário, se não houver o incremento da espiritualidade, não poderá haver sensibilidade perfeita neste processo de interpretação, de forma a descobrir satisfatoriamente a intenção do autor original. Todavia, “mesmo se o objetivo da leitura for devocional, não podemos abrir mão de interpretar o texto a partir de suas características literárias e lingüísticas, nem podemos deixar de ler o texto à luz do próprio contexto”.³⁵

1.2.2 A transmissão dos resultados da exegese através da homilética e da didática.

A exegese irá habilitar, a partir dos seus recursos metodológicos, na compreensão dos textos sagrados, a fim de levá-los a uma transmissão de forma fidedigna. O processo desta “transmissão” faz parte de outras duas ciências ou disciplinas, no caso, a homilética e a didática. Começo, então, abaixo a explicar seus conceitos.

O termo homilética vem do verbo grego ὁμιλέω (*homileō*), e conforme Gingrich³⁶, significa conversar. De ὁμιλέω (*homileō*) adaptou-se o termo ὁμιλία (*homilia*), à qual Taylor³⁷ dá o significado de camaradagem, companhia, conversa

³⁴ FERREIRA, Fabiano Antonio. **As lentes do tradutor e do exegeta: Um Ensaio em metodologia exegética aplicada ao antigo testamento com estudo de caso em Jeremias 1.11-12.** Fides Reformata XII, n. 2 (p.27-41). 2007, p. 31. Documento em pdf.

³⁵ ZABATIERO, Júlio. **Manual de Exegese.** – São Paulo: Hagnos, 2007, p. 20.

³⁶ GINGRICH, 1983, p. 146.

³⁷ TAYLOR, 1980, p. 149.

(habitual), e nos primeiros séculos da era cristã o termo passou a ser usado para denominar a arte de pregar sermão.

“Homilética é a ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com o sermão proferido no culto, no seio da comunidade reunida.”³⁸ Neste caso, ela (homilética) irá ensinar os princípios fundamentais dos discursos em público, aplicados na proclamação e ensino da verdade divina em reuniões regulares congregadas para o culto divino.³⁹

A homilética tem um princípio e uma missão fundamental.⁴⁰ O princípio é orientar os pregadores na dissertação de suas prédicas e, ao mesmo tempo, fazer com que adquiram princípios gerais corretos e despertá-los a terem idéia dos erros e falhas que em geral cometem. A missão principal da homilética é conservar o pregador na rota traçada pelo Espírito Santo. Ela ensina onde (e como) se deve começar e terminar o sermão. O sermão tem por finalidade convencer os ouvintes, seja no campo político, forense, social ou religioso. Por esta razão, a homilética encontra-se ligada diretamente à eloquência.⁴¹

Começo agora a falar sobre a didática. Não pretendo trazer aqui um estudo tão profundo sobre o conceito de didática. O objetivo aqui é que o leitor tenha uma compreensão básica da mesma, assim como da homilética, para então poder discutir sua relação e relevância para a exegese e a tradução.

A didática é uma seção ou ramo específico da Pedagogia e se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento. Enquanto a Pedagogia pode ser conceituada como a *ciência e a arte da educação*, a Didática é definida como a *ciência e a arte do ensino*.⁴²

Ela então passa a ser investigadora dos fundamentos, condições e modos de realização do ensino. No que se refere ao contexto cristão, Chaves⁴³ vai dizer que, além de a didática refletir em como a criança e o adolescente aprendem, como deve ser a atividade do professor em aula, como os alunos se relacionam entre si e

³⁸ SILVA, Severino Pedro da. **Homilética: o pregador e o sermão**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 1992, p.13.

³⁹ Hoppin apud BROADUS, John A. **O preparo e entrega de sermões**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1960, p. 10.

⁴⁰ SILVA, 1992.

⁴¹ A eloquência é a capacidade intelectual de convencer ou persuadir pelas palavras.

⁴² HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 13.

⁴³ CHAVES, Gilmar Vieira – **Qual a definição de didática mesmo?** – in. Portal do Educador Cristão. Disponível em: <<http://portaldoeducadorcristao.com.br/Orientacao-Pedagogica/Artigo/49/Qual-A-Definicao-De-Didatica-Mesmo->>, postado em 11 abr. 2012. Acesso em: 30 jan. 2013.

com o professor, como o professor ajuda os alunos a aprenderem, como desenvolver a capacitação dos professores, como motivar os alunos, entre outros, ela (didática) induzirá também o educador cristão a levar em conta, dentro do processo de ensino-aprendizagem, a formação espiritual saudável de seus alunos, contribuindo para ela com dedicação.

“De acordo com a cosmovisão cristã, o alvo do educador não consiste apenas da transmissão de conhecimento, mas requer a esperança de uma transformação do aluno a ser operada pela ação do Espírito Santo”.⁴⁴ A didática, passa a ser um instrumento de grande importância no processo de desenvolvimento cristão. Seu objetivo, também, é ajudar os cristãos neste crescimento de fé.

A partir dos conceitos destes dois termos, homilética e didática, podemos entender que os dois são ciência e (ou) arte que se baseiam no mesmo objetivo, o de transmitir o significado e a importância de textos bíblicos. A única diferença, é que um (homilética) transmite estas verdades sob a forma de pregação, enquanto o outro (didática) transmite sob a forma de ensino.

O foco então aqui, para uma discussão, está nos resultados da exegese, os quais estarão sendo aplicados às pessoas, aos membros da congregação. Pois o sucesso do sermão ou ensino dependerá, entre outros, do sucesso da exegese. Uma exegese mal trabalhada pode trazer no final um prejuízo para os ouvintes.

Costa⁴⁵ colocou a fidelidade textual, como uma das características básicas de uma boa estrutura de um sermão. Referente a isso, ele dá ênfase ao fato de que o pregador proclama a Palavra de Deus. Para que isto seja feito com fidelidade, é necessária uma interpretação cuidadosa do texto bíblico, considerando o seu contexto, uma exegese bem feita, a fim de que ensinemos com fidelidade o que o texto diz.

O que dizer então do resultado da aplicação de um texto mal-interpretado à comunidade eclesial durante um sermão. Como já foi dito, a interpretação é fundamental à aplicação. A comunidade eclesial pode ser a mais afetada diante de um sermão mal-elaborado e interpretado. Zuck⁴⁶ diz que quando a Bíblia não é

⁴⁴ SANTOS, Valdeci da Silva. Educação **Cristã: conceituação teórica e implicações práticas**. FIDES REFORMATATA XIII, N. 2 (2008): 155-174, p. 157, pdf.

⁴⁵ COSTA, Rev. Hermisten M. Pereira da. **Curso introdutório de homilética**. p. 21. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/pregacao/curso_homiletica_hermisten.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2012.

⁴⁶ ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradução Cesar de F. A. Bueno Vieira. – São Paulo: Vida Nova, 1994.

interpretada corretamente, a teologia de um indivíduo ou até mesmo de toda uma igreja pode ser desorientada ou superficial, e seu ministério, desequilibrado.

Quando transmitimos a Palavra de Deus, seja em aconselhamentos individuais, seja ensinando na escola dominical ou num grupo de estudo bíblico, seja pregando, o conhecimento que passamos, com base no nosso entendimento das Escrituras, sem dúvida alguma influenciará outras pessoas. Suas vidas estão em nossas mãos.⁴⁷

Para Carson⁴⁸, se alguém cometer um erro na interpretação de uma das peças de Shakespeare ou medir incorretamente um verso spenseriano, é improvável que isso acarrete consequências eternas, o que se torna diferente quando se trata de erros de interpretação na Palavra de Deus e, em consequência, uma má aplicação. Pode gerar consequências eternas.

Ainda sobre este assunto, Broadus⁴⁹ diz que um pregador assim é grande culpado diante de Deus, se não buscar sinceramente compreender que aquilo que ele interpreta e afirma é verdadeiramente o que o texto sagrado está dizendo. Penso que o pregador deveria de fato preocupar-se mais com a mensagem que está pregando, ter consciência desta responsabilidade e, assim, procurar melhor as verdades inseridas no texto.

Quero aqui refletir um pouco sobre o conhecimento. Antes de fazer teologia, pregava com mais autoridade e confiança. Após entrar na academia, entrei em um processo de desconstrução de conhecimentos que acreditava serem verdadeiros. Estas desconstruções se davam a partir de novas verdades e esclarecimentos.

Hoje, tenho mais temor antes de pregar, pois penso: será que esta exegese foi bem feita? Este texto quer mesmo dizer isso? Parece ironia, mas, quanto mais a pessoa é ignorante, com mais autoridade e confiança ela prega as suas verdades. O problema está no fato dela não saber que não sabe. Enquanto ela não sabe que não sabe, estará em um estado de ignorância.

Começamos a sair deste estado de ignorância, quando descobrimos que não sabemos. Quando eu sei que não sei, passo a ter mais temor em pregar. O livro de Jó é um exemplo disso, pois, nele, o personagem Jó constrói todo um

⁴⁷ ZUCK, 1994, p. 15

⁴⁸ CARSON, D. A. **A exegese e suas falácias: perigos na interpretação da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1992, p. 13.

⁴⁹ BROADUS, John A. **O Preparo e a Entrega de Sermões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 26.

pensamento sobre Deus. Porém, nos últimos quatro capítulos, Deus se manifesta em um redemoinho e desconstrói todo o conhecimento de Jó a partir das palavras:

“Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento.”⁵⁰

Antes desta revelação divina, Jó falava a partir de seu entendimento de Deus, com convicção, pois, não sabia que não sabia. Porém, a partir da teofania⁵¹, ele passou a saber que não sabia. Podemos dizer que Jó começou, então, a sair do estado de ignorância. Percebe-se, então, que o propósito divino era desconstruir, em algum grau, o conceito de deidade que Jó tinha.

Estamos sempre em processo de construção de conhecimento. O conhecimento que tinha há dez anos não é o mesmo que tenho hoje. Em consequência, os pensamentos e conceitos que tinha nestes mesmos dez anos atrás não são os mesmos hoje. É necessário que haja, então, um aguçado temor antes das preleções. Desta forma, haverá mais cuidados tanto na exegese quanto em sua exposição e aplicação.

Estamos lidando com os pensamentos de Deus; somos obrigados a nos esforçar ao máximo para entendê-los verdadeiramente e explicá-los com clareza. Assim, é revoltante demais encontrar no púlpito evangélico, onde as Escrituras são oficialmente reverenciadas, uma constante e imperdoável negligência ao abordá-las.⁵²

⁵⁰ Jó 38.1-4. Almeida Revista e Atualizada.

⁵¹ Teofania é um conceito teológico que significa a manifestação de Deus em algum lugar, coisa ou pessoa. É uma revelação ou manifestação sensível da glória de Deus, ou através de um anjo, ou através de fenômenos impressionantes da natureza. Aqui, trata-se da manifestação de Deus em um redemoinho.

⁵² CARSON, 1992, p. 14.

2 COMPREENDENDO A TRADUÇÃO

Ao começar a falar sobre as traduções, é importante esclarecer que os manuscritos originais, escritos pelos próprios autores, não existem mais. Na verdade, o que temos à disposição são milhares de manuscritos posteriores, cópias feitas por escribas no decorrer dos séculos.

O Antigo Testamento foi escrito originalmente em hebraico, com exceção de Esdras 4.8 – 6.18; 7.12 – 26; Daniel 2.4 – 7.28; Jeremias 10.11 e duas palavras em Gênesis 31.47, que foram escritos em aramaico. Também o Novo Testamento foi escrito originalmente em grego koinê. As versões da Bíblia que temos hoje em português⁵³ são traduções a partir das línguas originais citadas acima.

A Bíblia é o livro mais lido e traduzido hoje. Já foi traduzida para mais de duas mil línguas e dialetos diferentes.⁵⁴ Além das muitas traduções já feitas, é fundamental também pensar nas várias versões que existem em muitas dessas línguas, como, por exemplo, a língua portuguesa.

Diante de tantas versões diferentes, geralmente nos deparamos com uma pergunta: Será que as traduções que temos hoje não são suficientes para a total compreensão de Deus e seus propósitos? Pois, se não for assim, então, qual a finalidade ou benefícios que estas diferentes traduções trariam?

Penso ser importante explicar aqui, que as traduções que se tem hoje, são suficientes para a total compreensão da vontade de Deus no que se refere ao plano divino da salvação para o homem. Conforme Ferreira⁵⁵, podemos descortinar todas as dimensões do plano divino de salvação simplesmente através da leitura da Bíblia em nosso idioma, desde que possuamos uma boa tradução.

Estas versões também se tornam um benefício para a própria exegese, pois a comparação das mesmas neste processo exegético leva a uma compreensão maior do texto. Pereira Júnior⁵⁶, explica até mesmo como fazer esta leitura, propondo que o exegeta inicie sua leitura com as traduções mais literais (Almeida

⁵³ Entre elas: Almeida Revista e Atualizada; Nova Versão Internacional; Bíblia de Jerusalém; Bíblia Sagrada Vozes; A Bíblia Viva; etc.

⁵⁴ A BÍBLIA é livro mais vendido e traduzido de todos os tempos. Disponível em: <http://igrejaanglicana.com.br/yiw_news/a-biblia-e-livro-mais-vendido-e-traduzido-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 8 jan. 2013.

⁵⁵ FERREIRA, 2007, p. 30.

⁵⁶ PEREIRA JÚNIOR, Isaias Lobão. Manual **de exegese bíblica: metodologia histórico gramatical**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/comentarios/manual_exegese.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2013.

RC e RA), depois passe para mais contemporâneas (NVI, e NTLH), e pode complementar com paráfrases (Bíblia Viva).

Porém, para entender os problemas da tradução, é necessário compreender algumas situações. A tarefa da tradução é mais complexa do que se pensa. Não se pode pensar a tradução como uma simples questão de substituição de cada palavra ou elemento da língua original pelo seu equivalente mais adequado da língua receptora utilizando-se de um dicionário.

Conforme Stuart⁵⁷, palavras em línguas diferentes não correspondem umas às outras na base do “isto é traduzido por aquilo”. A correspondência deve ser conceitual. A tradução deve causar a mesma impressão que o original causa. Sendo assim, a tradução que satisfaz este critério pode ser considerada fiel ao original.

“*Traduttore, traditore*” (“tradutor, traidor”), afirma o conhecido ditado, referindo-se à traição do significado original de uma mensagem traduzida. Isto é perfeitamente possível, uma vez que, em certo sentido, o tradutor toma o lugar do autor, tendo como ponto de partida um texto em língua estrangeira, o qual deverá ser transposto para outra língua, procurando comunicar a mesma mensagem do original.

Ao ler o ditado citado acima, logo alguém pode pensar que a culpa de uma tradução, que não alcança o objetivo de comunicar a mesma mensagem do original para outra língua, é do tradutor. Porém, nem sempre a culpa é dele mesmo, existem alguns aspectos que ocorrem no processo da tradução, que fogem até mesmo do controle do tradutor.

As traduções, por mais excelentes que sejam, mesmo diante do esforço do tradutor para transmitir o significado fidedigno do texto, algumas vezes não conseguem expressar com clareza o real sentido do texto ou intenção do autor sagrado. “Contudo, nem sempre o tradutor consegue um nível perfeito de intertextualidade entre seu texto traduzido e o texto original, por conta das peculiaridades da língua original e da língua receptora da tradução”.⁵⁸

Deve-se pensar em certos aspectos que em determinados momentos se perdem durante a tradução, como: aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos ou estilísticos que, quando não estão bem trabalhados na tradução, levam à perda da real ideia que o autor sagrado queria passar.

⁵⁷ STUART, 2008.

⁵⁸ FERREIRA, 2007, p. 27

2.1 Signo Linguístico: Significado e Significante

No que se refere à tradução, é importante a compreensão de signo linguístico. Não há como realizar uma boa tradução sem que o tradutor tenha em mente este assunto. O signo linguístico irá mostrar que os conceitos que temos de determinadas palavras hoje não são os mesmos que os ouvintes originais das Sagradas Escrituras tinham há mais de dois mil anos, no Oriente.

Para Saussure⁵⁹, signo linguístico é a combinação de conceito – o qual pode ser também chamado de significante – e da imagem acústica, que também pode ser chamada de significado. Podemos dizer então, que o signo linguístico é uma entidade puramente psíquica, pois esta imagem acústica, ou seja, o som da fala, é um símbolo que representa as experiências humanas ou uma parte do nosso meio ambiente.

Em outros termos, signo linguístico é um termo que representa ou define a palavra, ou melhor, como ela deve ser pensada, pois, “as palavras não indicam ‘coisas’ ou ‘realidades’, como queria Santo Agostinho, mas remetem a ‘conceitos’, como verificou Saussure”.⁶⁰

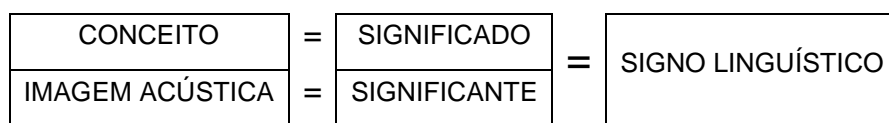
O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.⁶¹

Abaixo estão uma ilustração e um exemplo para uma melhor compreensão do conceito de signo linguístico:

⁵⁹ SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

⁶⁰ BLIKSTEIN *apud* MALANGA, Eliana Branco. **A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas /FAPESP, 2005, p. 115. Disponível em:
<<http://books.google.com.br/books?id=mfmr8jQkri8C&pg=PP9&lpg=PP6&ots=JkFcQ3i46g&dq=A+B%C3%ADblia+Hebraica+como+obra+aberta:+uma+proposta+interdisciplinar+para+uma+semiologia+b%C3%ADblica.&hl=pt-BR>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

⁶¹ SAUSSURE, 2006, p. 80.



Exemplo: Significante → coelho = Significado →



Conforme o exemplo acima, o significante⁶², por exemplo, seria a palavra coelho. O ouvinte, ao ouvir o termo coelho, logo veria em sua mente a figura de um coelho. A figura deste coelho seria o significado deste significante. Daí se dizer que o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas classes. Estes dois elementos (significado e significante) estarão sempre unidos, e um sempre reclamará o outro.

O significado pode variar de cultura para cultura. Cada comunidade linguística pensaria em um tipo ou raça de coelho diferente, conforme existir em sua cultura. Cabral⁶³ diz que o significado representa uma classe. Os vários significados se organizam num sistema, conforme a visão de mundo de uma dada comunidade linguística.

Diz ainda que o pensamento preexiste ao significado, mas é um contínuo que se formaliza através da articulação. Só se pode ter acesso ao significado através do significante. Esse, por sua vez, só o é em razão do significado, do contrário seria uma massa amorfa de sons, como quando escutamos uma fala em língua desconhecida. O significado e o significante são solidários na constituição do signo linguístico.

No que diz respeito à tradução dos textos sagrados, o tradutor deve pensar nos significados pensados pelo autor e seus leitores originais, pois os textos sagrados, além de terem sido escritos na língua hebraica, apresentam ainda o problema de um abismo temporal com cerca de até três mil anos.

Malanga⁶⁴ diz que, se trouxermos para o estudo bíblico a consciência desse princípio da construção social dos conceitos e, portanto, dos significados, disporemos de um útil instrumento para a compreensão dos textos e, igualmente,

⁶² Usarei o termo “significante” em lugar de “imagem acústica”. Também “significado” em lugar de “conceito”.

⁶³ CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística**. 7. ed. – Rio de Janeiro: Globo, 1988, p. 30.

⁶⁴ MALANGA, 2005.

para situá-los cronologicamente. O problema cronológico não é apenas do tempo que nos separa do momento em que o Antigo Testamento foi escrito, mas, também, precisamos pensar no tempo em que cada livro foi escrito, já que há produções do Antigo Testamento nos períodos pré-exílicos, exílicos e pós-exílicos. Precisamos pensar que, em cada período, houve certa transformação semântica.

Partindo-se do que já se conhece como provável em relação aos produtores (autores e redatores) dos textos bíblicos, poder-se-ia, tomando como base o conhecimento sobre as práticas sociais, obter apoio para a decodificação dos significados de algumas palavras mais problemáticas. Seria igualmente possível traçar linhas de alteração de significado relacionando-as com as mudanças sociais a que correspondem. Trata-se, é claro, de um trabalho de fôlego... Pode-se aqui, contudo, refletir sobre algumas questões que a semiologia nos coloca quando nos propomos a estudar a produção dos textos que compõem a Bíblia Hebraica e sua relação com a sociedade que os produziu.⁶⁵

Precisamos pensar que, para traduzir os textos hebraicos, temos que fazer uma viagem a outra cultura de experiências que diferem e muito de nossa cultura de experiência. Temos que nos fazer comuns à outra cultura. Um exemplo disso são os hebraísmos, um termo que faz parte da hermenêutica e refere-se a certas expressões e maneiras peculiares do idioma hebreu que ocorrem em nossas traduções. É como se fossem apelidos, expressões e características de algo, de pessoas ou de famílias. O entendimento disto se faz necessário para entender o que as pessoas entendiam sobre certas definições e afirmações.

Um exemplo clássico disso é a relação entre “aborrecer” e “amar”. Quem ler a expressão “...amei a Jacó, porém aborreci a Esaú...”⁶⁶, logo irá interpretar que Deus tinha um sentimento de amor por Jacó em contraste a um sentimento de ódio que tinha por Esaú. Porém, esta expressão era um hebraísmo que designava não um contraste, mas preferência. Na verdade, Deus preferia Jacó a Esaú, e isso não quer dizer que não amava a Esaú. A mesma coisa quando a Escritura Sagrada diz que “Léia era aborrecida e Raquel a amada”. Também não quer dizer que Jacó odiava a Léia, mas, sim, que amava mais a Raquel do que Léia.

Um exemplo de tudo o que está sendo discutido neste subtópico, está no texto de Jeremias 1.11-12, que diz: “ Veio ainda a palavra do SENHOR, dizendo:

⁶⁵ MALANGA, 2005, p. 116.

⁶⁶ Malaquias 1.2-3.

Que vês tu, Jeremias? Respondi: vejo uma vara de amendoeira. Disse-me o SENHOR: Viste bem, porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir.”⁶⁷

Uma pergunta em relação a este texto, seria: “por que YHWH usou o verbo velar como significado do significante vara de amendoeira?” Pelo fato de não haver nenhuma explicação no texto para esta pergunta, pode-se concluir que tanto Jeremias como seus leitores compreenderam este significado dado por YHWH. Porém, qualquer leitor atual, em uma leitura simples deste texto, não conseguirá compreender esta relação.

2.2 Diferentes Tipos ou Formas de Tradução.

Para entender estes tipos de tradução é importante explicar ainda sobre o processo de tradução. Podemos verificar que o processo de tradução envolve dois elementos: (1) pelo menos duas línguas; e (2) uma mensagem. Estes elementos da tradução podem ser chamados de (1) forma e (2) significado.

O primeiro componente de tradução, a forma, é básico para duas técnicas diferentes de tradução. Todos os tradutores concordam que a sua tarefa é comunicar o significado do original. Neste ponto não há divergência. Existem, porém, diferentes opiniões sobre a forma linguística que deve ser empregada. Alguns acreditam que o significado do original é comunicado melhor quando traduzido em uma forma linguística paralela à da língua original. Outros acreditam que é comunicado melhor quando traduzido para a forma natural da língua receptora, sendo esta semelhante ou não à forma do original.⁶⁸

Para Barnwell⁶⁹, as traduções que focalizam sua tradução na forma natural da língua receptora são as que melhor transmitem o significado original, ao dizer que o alvo do tradutor é transmitir o sentido exato da mensagem original para a língua receptora. Para tal, deverá usar uma construção gramatical e expressões idiomáticas que sejam naturais e significativas na língua receptora. Não poderá copiar a construção gramatical da língua original.

Existem quatro tipos de traduções, as quais Beekman e Callow⁷⁰ classificam como: tradução literal demais; tradução literal modificada; tradução idiomática; e

⁶⁷ Texto extraído da versão de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.

⁶⁸ BEEKMAN; CALLOW, 1992, p. 18.

⁶⁹ BARNWELL, Katharine. **Tradução bíblica: Um curso introdutório dos princípios básicos de tradução**. Traduzido por MEADER, Mabel. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1979.

⁷⁰ BEEKMAN; CALLOW, 1992, p. 18.

tradução livre demais. Gusso⁷¹ apresenta para cada tipo de tradução um excelente exemplo no livro de Rute, capítulo três, versículo nove.

2.2.1 Tradução literal demais.

Este tipo de tradução procura verter palavra por palavra da língua original para a língua receptora com alta porcentagem de correspondência. Não apenas procura os significados mais comuns como também utiliza a mesma estrutura sintática do texto, sendo também conhecida como uma tradução justalinear.

“Resulta em uma tradução incapaz de comunicar a mensagem ao leitor”⁷², pois não leva em conta o sentido geral da passagem nem há preocupação em transmiti-lo. Neste caso, não pode ser usada como tradução para fins comuns. Porém, é importante para o exegeta em seu primeiro encontro com o texto, o qual procura fazer um estudo mais cuidadoso, porque indicará a estrutura gramatical e expressões idiomáticas da língua original.

Abaixo está um exemplo de tradução literal demais. Como já foi explicado acima, é o mesmo exemplo, usado por Gusso, de Rute 3.9.

Texto original: אָנֹכִי רוּת אֲמִתֶּךָ וּפְרִשֶׁת כְּנָפֶךָ עַל־אֲמִתֶּךָ כִּי גֹאֵל אַתָּה

Tradução literal demais: “eu Rute a escrava de ti e estenderás a asa de ti sobre a escrava de ti pois resgatador tu.”

Pode-se perceber nesta tradução a perda do sentido do texto em nossa língua portuguesa. Um leitor leigo perguntaria o que seria a expressão “estender a asa de ti” ou “resgatador tu”. São expressões próprias daquela época (cerca de três mil anos atrás) e da língua. O verbo ser e estar eram subentendidos no texto hebraico, por isso, a expressão “eu Rute”, teria melhor sentido em nossa língua acrescentando o verbo “ser”, sendo a melhor tradução “eu sou Rute”.

Lembrando que o hebraico é escrito da direita para a esquerda, esta tradução é justalinear, seguindo a mesma estrutura sintática da língua hebraica.

⁷¹ GUSO, 2008, p. 193.

⁷² BEEKMAN; CALLOW, 1992, p.18.

Como a língua portuguesa tem uma estrutura sintática diferente, o texto torna-se ainda mais incompreensível.

2.2.2 Tradução literal modificada

Ou simplesmente chamada de “literal”.⁷³ Nesta tradução, já existe uma preocupação em transpor o sentido do texto. Desta forma, o tradutor fará ajustes gramatical e léxico para tornar o texto mais compreensivo. Estes ajustes na estrutura resultam em uma tradução literal modificada.⁷⁴

Nela, ainda que haja espaço para melhorias, facilitando a compreensão, o tradutor procura manter ao máximo as características do texto original como: formas poéticas, jogos de palavras, equivalência gramatical, figuras de linguagem etc. Este é um tipo de tradução que pode ser bem aproveitada pelos leitores com boa cultura geral.⁷⁵

Mesmo pelo fato da tradução literal modificada ser melhor que a tradução literal demais, Beekman e Kallow⁷⁶ chamam a atenção para o fato desta tradução muitas vezes usar palavras correspondentes da língua receptora sem levar em consideração o contexto em que aparecem, e que sempre combina palavras que jamais apareceriam juntas na língua de chegada, fazendo com que somente parte da mensagem original seja comunicada. Desta forma, informações implícitas que são significativas não são incluídas.

O resultado é uma tradução difícil de entender, pois contém ambiguidades desnecessárias, trechos obscuros e, ainda, um estilo que não é natural. Apesar dessas vantagens, em certas situações a tradução literal modificada é aceitável.⁷⁷

Abaixo apresentamos novamente um exemplo com o mesmo texto usado para o exemplo acima.

Texto original: אֲנֹכִי רוּת אֲמַתְךָ וּפְרִשְׁתָּ כְנָפֶיךָ עַל-אֲמַתְךָ כִּי גֵאֵל אַתָּה

⁷³ GUSSO, 2008.

⁷⁴ BEEKMAN; CALLOW, 1992, p. 20.

⁷⁵ GUSSO, 2008, p. 193.

⁷⁶ BEEKMAN; CALLOW, 1992.

⁷⁷ BEEKMAN; CALLOW, 1992, p. 20.

Almeida Revista e Atualizada⁷⁸: “Sou Rute, tua serva; estende a tua capa sobre a tua serva, porque tu és resgatador”.

Ao comparar esta tradução com a tradução literal demais, podem-se perceber algumas mudanças para melhoria do sentido do texto, como, o fato de o verbo “ser” ter sido acrescentado em “sou Rute” e “és resgatador”; o termo “escrava” foi trocado por “serva”. Porém, termos próprios do idioma foram preservados, como “resgatador” e “estende a tua capa”.

2.2.3 Tradução idiomática.

Esta e a próxima forma de tradução já são diferentes das duas anteriores, pois, enquanto as traduções literal e literal demais são focadas na forma linguística paralela à da língua original, as traduções idiomática e livre demais são focadas na forma natural da língua receptora.

Neste tipo de tradução, não há tanta preocupação em preservar as formas e peculiaridades da língua original. O foco está em transmitir o significado original. “O tradutor procura comunicar fielmente a mensagem do original, usando as estruturas gramaticais e léxicas que são naturais na LR⁷⁹”.⁸⁰

Texto original: אַנְכִי רוּת אֲמֹתָךְ וּפְרִשְׁתָּ כְּנֹפֶךָ עַל-אֲמֹתָךְ כִּי גֵאֵל אַתָּה

Nova Tradução na Linguagem de Hoje: “– Eu sou Rute, a sua empregada! – respondeu ela. – O senhor é nosso parente chegado e por isso tem o dever de me proteger.”

Comparando esta tradução com as duas anteriores, pode-se perceber uma mudança radical, pois agora o foco é a língua receptora.⁸¹ O termo “escrava” é trocado por “empregada”. Neste caso, para transmitir o significado desta língua bíblica, não se trata apenas de traspor a palavra com os termos naturais da língua receptora, mas, também, de atualizar os termos. A palavra “escrava” é um termo de

⁷⁸ A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

⁷⁹ Língua Receptora.

⁸⁰ BEEKMAN; CALLOW, 1992, p. 21.

⁸¹ Neste caso, a língua portuguesa.

significados que pertencem não só à língua original, mas, também a um tempo bastante remoto.

A palavra “resgatador” é trocada por “parente chegado”, para um melhor entendimento. Também, a expressão “estende a tua capa sobre tua serva” é mudado para o termo “tem o dever de me proteger”. Todos estes novos termos são de melhor entendimento para o leitor leigo, no caso, de língua portuguesa.

2.2.4 Tradução livre demais.

Também é chamada apenas de “livre”.⁸² Assim como a tradução literal demais, este tipo de tradução não é recomendada para uso comum, pois, como já diz o termo, é excessivamente livre. Conforme Gusso⁸³, o maior perigo desta forma de tradução está na liberdade interpretativa que o tradutor tem, pois, nem sempre ele conseguirá ser fiel ao original na interpretação apresentada. “Portanto, classificar uma tradução como livre demais não é um julgamento quanto ao estilo, mas, sim, uma classificação quanto à informação comunicada.”⁸⁴

Texto original: אֲנִכִי רוּת אִמְתָּךְ וּפְרִשְׁתָּ כְנָפֶךָ עַל-אִמְתָּךְ כִּי גֵיֵל אֶתָּה

Tradução livre demais: “Eu sou Rute, a nora de Noemi, e estou à sua disposição; case-se comigo, pois você é um de nossos parentes mais chegados e tem essa obrigação, pois nossa lei assim o exige.”

Algo a ser notado nesta tradução, é o fato de haver acréscimos de palavras que não há no texto original. Por exemplo, para frisar quem é Rute, é acrescentada a frase “a nora de Noemi”. Também para explicar porque ele (Boaz) é o parente chegado, é adicionada a elocução “e tem essa obrigação (de casar), pois nossa lei assim o exige”.

Assim, no esforço de tornar a mensagem tão clara e significativa quanto possível, este tipo de tradução acaba causando distorções no conteúdo, inclusão de dados que o texto original não comunicou. O tradutor pode transmitir mais do que o autor original pretendia dizer.

⁸² GUSSO, 2008, p. 194.

⁸³ GUSSO, 2008, p. 194.

⁸⁴ BEEKMAN; CALLOW, 1992, p. 20.

3 ESTUDO DE CASO EM NOVE TEXTOS BÍBLICOS.

Agora, estaremos apresentando nove textos bíblicos como estudo de caso. Estes textos apresentam algum tipo de problema de tradução. Antes de cada texto apresentado, há uma breve explicação sobre o tipo de problema que podem apresentar, como, paronomásia, eufemismo, onomatopeia, etc. Os textos estão organizados desta forma: primeiro o texto em língua hebraica, logo depois o texto transliterado e uma tradução interlinear com a transliteração.

3.1 Paronomasia

A paronomásia “é uma figura de linguagem⁸⁵ que consiste no emprego das mesmas palavras ou de palavras de sons semelhantes para produzir sentidos diferentes. Uma paronomásia às vezes é chamada de jogo de palavras ou trocadilho”.⁸⁶ Conforme Kaiser e Silva⁸⁷, este recurso literário tem o objetivo de obter certo efeito e conseguir a atenção do ouvinte ou leitor.

A importância de se falar desta figura de linguagem neste capítulo, é o fato da paronomásia ser peculiar à língua em que foi usada. Assim, no processo da tradução, em que será usada na outra língua uma palavra que corresponda em significados à palavra usada na língua original, este recurso literário acaba se perdendo. Abaixo estão três exemplos de figuras de linguagem.

3.1.1 Primeiro texto: Amós 8.2

וַיֹּאמֶר מִה־אַתָּה רֹאֵה עָמוֹס וְאָמַר כָּל־וֹב קִיץ
וַיֹּאמֶר יְהוָה אֵלַי בָּא הַקֶּץ אֶל־עַמִּי יִשְׂרָאֵל

⁸⁵ Conforme CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. rev. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 614, “Figuras de linguagem são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza”.

⁸⁶ ZUCK, 1994, p. 187.

⁸⁷ KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à Hermenêutica Bíblica: como ouvir a palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 88.

Transliteração e tradução interlinear

<i>vayyō'mer</i>	<i>māh - 'atāh</i>	<i>rō'eh</i>	<i>'āmôs</i>	<i>vā'ōmar</i>	<i>k'îlûv</i>	<i>qāyits</i>
E disse	o que tu	estás	Amós	e eu disse	uma cesta de	frutas de
		vendo				verão
<i>vayyō'mer</i>	<i>Adonai</i>	<i>'ēlay</i>	<i>bā'</i>	<i>haqqēts</i>	<i>'el - 'ammî</i>	<i>yisrā'ēl.</i>
E disse	o	para	veio	o fim	para meu	Israel
	SENHOR	mim			povo	

Versão Almeida Revista e Atualizada: “E perguntou: Que vês, Amós? E eu respondi: Um cesto de frutos de verão. Então o Senhor me disse: Chegou o fim para o meu povo de Israel”.

Versão Bíblia de Jerusalém:⁸⁸ “E ele disse: “Que vês, Amós? Eu disse: “Um cesto de frutos maduros!” E lahweh me disse: “Israel, meu povo, está maduro para seu fim”.

Esta passagem retrata a quarta de cinco “visões de juízo” que o profeta Amós teve, as quais vão do capítulo 7 ao capítulo 9. “Apresentam as etapas pelas quais Deus revela o terror, a amplitude, a certeza e a inevitabilidade de Seu juízo sobre o Reino do Norte”.⁸⁹

A paronomásia, nesta passagem, ocorre entre as palavras *qāyits* (cesto de frutos de verão) e *qets* (fim), o qual foi determinado sobre Israel. Nota-se aqui, que na tradução, os termos “cesto de frutos de verão” e “fim”, não se relacionam como parônimos. Desta forma, confirma-se o fato de que é impossível preservar em outra língua (neste caso, a língua portuguesa) este recurso literário.

O ouvinte original desta mensagem, ao ouvir estas palavras, teria como primeiro impacto a percepção deste jogo de palavras. Este recurso, ao que parece, tinha a finalidade de deixar a mensagem mais fixada na memória de quem ouvia a palavra. Zuck⁹⁰ diz que as figuras de linguagem, como a paronomásia, são usadas

⁸⁸ A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 1985.

⁸⁹ HUBBARD, David Allan. **Joel e Amós: introdução e comentário**. Organizador geral Donald J. Wiseman; tradução Márcio Loureiro Redondo (Cultura bíblica; v. 22) – São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 225.

⁹⁰ ZUCK, 1994, p. 169.

em muitos idiomas pelo fato de serem facilmente lembradas e deixarem impressões indelévels.

Há a interpretação de que “Israel se assemelhava a um cesto cheio de frutas maduras demais de verão, prontas para apodrecer”⁹¹, indicando que Israel estava maduro para o juízo, e o fim estava muito próximo. Porém, esta interpretação torna-se limitada se não houver a explicação de que houve esse recurso literário na visão de Amós. Lembre-se ainda o fato do significante e significado. O significante que, no caso, é a visão *qayits* remeterá para seu significado que, no caso, é a explicação *qets*. Assim, a língua hebraica torna-se essencial para boa parte da compreensão exegética deste texto.

3.1.2 Segundo texto: Isaías 5.7

כִּי כָרֵם יְהוָה צְבָאוֹת בֵּית יִשְׂרָאֵל וְאִישׁ יְהוּדָה נָטַע שְׁעִשׂוּעִי
וַיִּקֶן לְמִשְׁפָּט וְהִנֵּה מִשְׁפָּח לְצַדִּיקָה וְהִנֵּה צַעֲקָה

<i>kî</i>	<i>ḵerem</i>	<i>Adonai</i>	<i>ts^evā'ôṭ</i>	<i>bêt</i>	<i>yísrā'el</i>
porque	a vinha de	Adonay	dos exércitos	casa de	Israel
<i>v^eʾish</i>	<i>y^ehûdāh</i>	<i>n^eta</i>	<i>sha 'ăshû 'āyv</i>	<i>vayqav</i>	<i>ʾmishppāt</i>
e o homem	Judá	plantação de	seus deleites	e esperou	por juízo
de					
<i>v^ehinnēh</i>	<i>misppāh</i>	<i>litsdāqāh</i>	<i>v^ehinnēh</i>	<i>ts^e'āqāh</i>	
e eis	opressão	por justiça	e eis	clamor	

Versão Almeida Revista e Atualizada: “Porque a vinha do SENHOR dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta diletta do SENHOR; este desejou que exercessem juízo, e eis aí quebrantamento da lei; justiça; e eis aí clamor”.

Versão Bíblia de Jerusalém: “Pois bem, a vinha de lahweh dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são sua plantação preciosa. Deles esperava o

⁹¹ DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. Editado em português pelo Rev. Dr. Russell P. Shedd – São Paulo: Edições Vida Nova, 1998, p. 864.

direito, mas o que produziram foi a transgressão; esperava a justiça, mas o que apareceu foram gritos de desespero”.

Versão CNBB: “Pois a vinha do SENHOR dos exércitos é a casa de Israel; sua plantação querida é o cidadão de Judá. Ele esperava ver o direito praticado e vê o choro dos humilhados! Esperava o louvor da Justiça e ouve o clamor dos oprimidos!”.

Assim como no texto acima, este texto também irá mostrar que a consulta à língua original torna-se essencial para uma boa interpretação. Este texto é parte de um cântico, conhecido como “cântico da vinha”, que, conforme Ridderbos⁹², Isaías pode ter feito com acompanhamento musical.

O profeta cantará a respeito de um querido amigo que tem uma vinha (vv. 1-2). Ele oferece os versos seguintes como cântico que seu amigo compôs a respeito da sua vinha. No versículo 3 o próprio amigo irrompe a falar. É só no fim que se torna claro que este amigo não é outro senão o Senhor.⁹³

Aqui há dois casos de paronomásia. A primeira com as palavras מִשְׁפָּט (*mishppāt*) “juízo” e מִשְׁפָּח (*misppāh*) “opressão”; e a segunda, com as palavras צְדָקָה (*tsdāqāh*) “justiça” e צַעֲקָה (*ts^e ‘ āqāh*) “clamor”. Isaías usa estes jogos de palavras para estabelecer mais claramente o contraste entre o que se podia esperar e o que Israel fez.

Para Zuck, estes pares de palavras produziram um impacto verbal nos ouvintes ou leitores de Isaías, e foram marcantes não apenas porque têm sons semelhantes, mas porque apresentam sentidos diametralmente opostos.⁹⁴ Esta intenção de impacto, acabou perdendo-se no processo da tradução, pois, desapareceu a figura de linguagem.

3.1.3 Terceiro texto: Jeremias 1.11-12

וַיְהִי דְבַר־יְהוָה אֵלַי לֵאמֹר מִה־אַתָּה רֹאֵה יִרְמְיָהוּ וְאָמַר מִקֵּל שִׁקְדֵי אֲנִי רֹאֵה¹¹

⁹² RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. (Série Cultura Bíblica) – São Paulo: edições Vida Nova, Mundo Cristão, 1986, p. 88.

⁹³ RIDDERBOS, 1986, p. 88.

⁹⁴ ZUCK, 1994, p. 187.

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֵלַי הִיטַבְתָּ לְרֵאוֹת כִּי־שָׁקַד אֲנִי עַל־דְּבָרֵי לַעֲשׂוֹתוֹ¹²

<i>Vayhî</i>	<i>d^evar-’ăḏōnāy</i>	<i>’ēlay</i>	<i>lⁱmōr</i>	<i>māh-’atāh</i>	<i>rō’eh</i>
E veio	a palavra de Adonai	para mim	para dizer	o quê tu	estás vendo
<i>yirm^eyāhû</i>	<i>vā’ōmar</i>	<i>maqquēl</i>	<i>Shāqēd</i>	<i>’ānî</i>	<i>rō’eh.</i>
Jeremias	e eu disse	uma vara de	amendoeira	eu	estou vendo
<i>vayyō’mer</i>	<i>’ăḏōnāy</i>	<i>’ēlay</i>	<i>hētavtā</i>	<i>lir’ōt</i>	<i>kî-shōqēd</i>
E disse	Adonai	para mim	foste bem	para ver	porque estou velando
<i>’ānî</i>	<i>al-d^evārî</i>	<i>la ‘ăśōtô.</i>			
eu	sobre minha palavra	para cumpri-la			

Versão Almeida Revista e Atualizada: “Veio ainda a palavra do SENHOR, dizendo: Que vês tu, Jeremias? Respondi: vejo uma vara de amendoeira. Disse-me o SENHOR: Viste bem, porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir”.

Versão Bíblia de Jerusalém: “Foi-me dirigida a palavra de lahweh nos seguintes termos: O que estás vendo, Jeremias? Eu respondi: Vejo um ramo de amendoeira. Então lahweh me disse: Viste bem, porque eu estou vigiando sobre a minha palavra para realizá-la”.

Versão CNBB: “Veio a mim a palavra do SENHOR: “Que estás vendo, Jeremias? Respondi: “Vejo um ramo de amendoeira vigilante. Disse-me o SENHOR: Enxergaste bem: eu estou vidgilante, para que minha palavra se realize”.

Versão Vulgata Latina:⁹⁵ “*Et factum est verbum Domini ad me dicens quid tu vides Hieremia et dixi virgam vigilantem ego video Et dixit Dominus ad me bene vidisti quia vigilabo ego super verbo meo ut faciam illud*”.⁹⁶

⁹⁵ *BIBLIA Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/1983.

⁹⁶ E veio a palavra do Senhor a mim dizendo: o que tu vês Jeremias? E eu disse: vara **vigilante** eu vejo. E disse o Senhor a mim: Viste bem porque estou **vigiando** sobre minha palavra para cumpri-la.

Esta, é a primeira de duas visões que o profeta Jeremias teve. A paronomásia ocorre entre as palavras hebraicas שָׁקֵד (shāqēd) – que significa “amendoeira” e שָׁקֵד (shōqēd) “vigiando”. Os dois termos acima são formados pela mesma consoante, pois, apesar de terem significados diferentes, derivam da mesma raiz hebraica⁹⁷, do mesmo morfema lexical, que, no caso, seria שָׁקֵד, que significa “vigiar”, “estar de vigília”. Isto então explica o vínculo semântico entre os dois vocábulos.

A ideia de vigilância, que é fundamental à raiz, fornece a chave para entender o nome hebraico da amendoeira. Essa árvore, que em Israel floresce numa época tão cedo quanto janeiro e fevereiro e que as pessoas carinhosamente veem como o arauto da primavera, é muito apropriadamente chamado shāqēd, “o despertador”⁹⁸.

Assim, nesse caso, o *significante* šāqēd tenciona remeter ao *significado* šōqēd; ou seja, em hebraico, *amendoeira* remeteria à forma verbal *eu velo*, o referente (substantivo) carregando intrinsecamente a ação expressa pelo verbo. Esta é a chave para o estabelecimento do vínculo semântico entre significante e significado. A visão contém um vocábulo que se reveste de significação no parônimo localizado em sua explicação.

A explicação da visão da vara de amendoeira feita pelo Senhor, sem a apreensão da paronomásia intencional do original, deixará o leitor sem entender perfeitamente como se estabeleceu o vínculo semântico entre o significante (a visão) e o significado (a explicação). Algo interessante sobre esta compreensão é saber que o próprio Deus se utilizava destes recursos como “trocadilhos” (paronomásia) para transmitir sua mensagem.

Ferreira⁹⁹ sugere uma melhor proposta de tradução deste texto, de forma que não se perca esta característica:

“11 A palavra de Yahweh foi-me dirigida nos seguintes termos: “O que estás vendo, Jeremias?” Eu respondi: “Estou vendo uma vara **vigilante**”.12 Disse-me, então, Yahweh: “Está correta a tua visão, porque eu estou **vigiando** sobre a minha palavra para cumpri-la”.

⁹⁷ A raiz hebraica geralmente era formada por três consoantes.

⁹⁸ HARRIS, R. Laird; ARCHER, JR., Gleason L; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova. 1998, p. 1611.

⁹⁹ FERREIRA, 2007, p. 34.

Logo, fica ainda mais fácil de entender esta relação, quando, nesta tradução acima, é trocada a palavra “amendoeira” por “vigilante”. Mais acima, onde foram colocadas algumas versões para uma comparação, também foi posto a versão da Vulgata Latina, na qual dá para perceber que Jerônimo procurou preservar este jogo de palavras na tradução. Em vez de “vara de amendoeira”, ele colocou *virgam vigilantem* (vara vigilante), que fez relação com a palavra latina *vigilabo* (vigiando).

Diante de tudo o que foi apresentado sobre signo linguístico, podemos, então, fortalecer esta noção de relevância do uso da língua hebraica na exegese de um texto bíblico do Antigo Testamento. Sabe-se que há outras interpretações sobre este texto, quando se verifica a agricultura em Canaã e se descobre que a amendoeira é a primeira a florescer no início da primavera, enquanto as outras árvores estão ainda no sono do inverno. O que se entende é que ela (amendoeira) está vigiando as outras árvores, enquanto as mesmas ainda estão no sono do inverno. Porém, a interpretação primária se dá pela compreensão desta paronomásia.

3.2 Onomatopéia

Segundo Cegala¹⁰⁰, a onomatopéia consiste no aproveitamento de palavras, cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor. Em nossa língua existem muitas palavras como “tique-taque”, “chiado”, “sussurro”, “catapurum”, etc. Abaixo, foi colocado, como quarto texto bíblico, um exemplo que demonstra a presença desta figura de linguagem nas Escrituras Sagradas.

3.2.1 Quarto texto: Juízes 5.22

אָז הָלְמוּ עֲבָיִים מִדְּהָרוֹת דְּהָרוֹת אֲבִירָיו:

'āz	holmû	'iqqê vê-sûs	middahărôt	Daharôt	'abîrāyv.
então	bateram	os cascos dos	dos galopes	galopes de	seus valentes.
		cavalos			

¹⁰⁰ CEGALLA, 2008, p. 623.

Versão Bíblia de Jerusalém: “Então os cascos dos cavalos martelaram o chão: galopam, galopam os seus corcéis”.

Assim como no texto de Isaías 5.7, já trabalhado acima, este texto faz parte de um cântico, conhecido como cântico de Débora. Conta a história, em forma poética, sobre a derrota da confederação cananéia. Este mesmo relato é também contado no capítulo quatro, sob forma de prosa. Sendo um cântico, ocorre a presença das características da poesia hebraica, como paralelismo e sistema de ritmo e métrica.¹⁰¹

Nesta passagem, a onomatopéia encontra-se na palavra traduzida na língua portuguesa por “galopam”, que, no hebraico, está דָּהָרוֹת (*daharōt*), que é a imitação entendida pelos judeus do som do galopar ou andar dos cavalos. Na língua portuguesa, a imitação deste som seria “pocotó”. Este tipo de curiosidade bíblica, que seria interessante compreender, só aparece na língua hebraica, pois o assim como já mencionado acima, se perde no processo de tradução.

3.3 Eufemismo

É também uma figura de linguagem. Conforme Cegala¹⁰², consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas. Alguns estão preservados na própria tradução, como a palavra “conhecer”, que no texto bíblico, dependendo do contexto, é um eufemismo para o ato sexual, como ocorre em Gênesis 4.1. Estes textos não precisam ser verificados na língua hebraica, pois, já estão traduzidos como no original. Porém, é importante ter noções de figura de linguagem para saber que a palavra “conhecer” é um eufemismo.

Porém, há textos que contêm a presença de eufemismo apenas na língua original, nos quais o tradutor, ao interpretar determinada palavra como um eufemismo, não transpôs palavra por palavra da língua original para a receptora, não colocando a palavra que o autor original escreveu, mas a que provavelmente queria escrever.

¹⁰¹ ARTHUR, E. Cundall; MORRIS, Leon. **Juízes e Rute: introdução e comentário**. São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1986, p. 90.

¹⁰² CEGALLA, 2008, p. 626.

3.3.1 Quinto texto: 1 Samuel 25.22

כֹּה־יַעֲשֶׂה אֱלֹהִים לְאִבֵי דָוִד וְכֹה יִסַּף אִם־אֲשָׂאִיר
מִכָּל־אֲשֶׁר־לּוֹ עַד־הַבֶּקֶר מִשְׁתֵּין בְּקִיר:

<i>Kōh-ya 'āseh</i>	<i>'ēlōhîm</i>	<i>l'ōyvē</i>	<i>dāvid</i>	<i>v^{rr}ōh</i>	<i>yōsîf</i>
Assim faça	Deus	aos inimigos de	Davi	e assim	faça acrescentar
<i>'im-'ash^{er}îr</i>	<i>Mikol-'āsher-lô</i>	<i>'ad-habōqer</i>	<i>mash^{tîn}</i>	<i>b^eqîr.</i>	
eu deixar	tudo o que tem	até a manhã	o que urina	na parede.	

Versão Almeida Revista e Atualizada: “Faça Deus o que lhe aprouver aos inimigos de Davi, se eu deixar, ao amanhecer, um só do sexo masculino dentre os seus”.

Versão Bíblia de Jerusalém: “Que Deus faça a Davi isto e lhe acrescente aquilo se, de agora até amanhã cedo, eu deixar com vida um só homem!”

Versão Almeida Revista e Corrigida:¹⁰³ “Assim faça Deus aos inimigos de Davi e outro tanto, se eu deixar até à manhã, de tudo o que tem, mesmo até um menino”.

Vulgata Latina: “*haec faciat Deus inimicis David et haec addat si reliquero de omnibus quae ad eum pertinent usque mane mingentem ad parietem*”.

LXX:¹⁰⁴ τάδε ποιήσαι ὁ θεὸς τῷ Δαυιδ καὶ τάδε προσθείη εἰ ὑπολείψομαι ἐκ πάντων τῶν τοῦ Ναβαλ ἕως πρῶτῃ οὐροῦντα πρὸς τοίχον

Este texto faz parte de uma perícopie de 25.1b – 44, que conta a história sobre a relação de Davi com o casal Nabal e Abigail. Davi mandou seus moços pedirem um pouco do que havia sobrado de uma festa feita por um rico fazendeiro chamado Nabal, o qual estava bêbado, porém, Nabal respondeu asperamente aos homens de Davi. Esta ofensa deixou Davi irado, mandando então seus homens cingirem a espada para matar todos os homens que estavam ali.

¹⁰³ BÍBLIA de Estudo Pentecostal Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Edição de 1995.

¹⁰⁴ SEPTUAGINTA. Antigo testamento grego. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

Nesta passagem, o termo traduzido na ARA por “sexo masculino”, na BJ por “homem” e na ARC por “menino”, está no original como **מִשְׁתִּין בְּקִיר** (*mashtîn b^eqîr*), que, traduzido ao literalmente, significaria “o que urina na parede”. Trata-se de um eufemismo para "varão, macho", seja ele um homem ou um cão. Champlin¹⁰⁵ traz uma interpretação deste texto, afirmando que o que Davi quis dizer é que sua matança seria tão completa que nenhum macho, homem ou animal, escaparia com vida, já que, como já foi dito, o termo “urinador de parede” refere-se tanto para homens como para animais.

Conforme as versões apresentadas acima, tanto a Vulgata Latina quanto a Septuaginta preservaram a tradução literal desta passagem. No caso, a Vulgata usou o termo no latim *mingentem ad parietem*, e a LXX οὐροῦντα πρὸς τοῖχον (*urunta pros toikhon*), ambos significam literalmente “urinador de parede”. O fato, é que para chegar a esta interpretação, de que Davi não deixaria com vida tanto os homens como os animais, se dá somente analisando o termo que foi usado na língua original, pois, se entende que não apenas os homens urinavam na parede, mas, também, os cães. Vale ainda ressaltar que não era costume das mulheres urinar no muro.

3.3.2 Sexto texto: Jó 2.9

וַתֹּאמֶר לוֹ אִשְׁתּוֹ עַדָּךְ מִחַזִּיק בְּתַמְתְּךָ בְּרַךְ אֱלֹהִים וּמַתּ:

<i>vatō'mer</i>	<i>lô</i>	<i>'ishtô</i>	<i>'ōd^errā</i>	<i>marrāzîq</i>	<i>b^etummāterrā</i>
E disse	para ele	sua mulher	continua para ti	forte	em tua integridade
<i>bārēk</i>	<i>'ēlohîm</i>	<i>vāmut.</i>			
amaldiçoa	Deus	e morre.			

Versão Bíblia de Jerusalém: “Sua mulher disse-lhe: Persistes ainda em tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre numa vez!”.

¹⁰⁵ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo: Deuteronomio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, Volume 2.** 2. ed. – São Paulo: Hagnos, 2001, p. 1214.

Versão Almeida Revista e Corrigida: “Então, sua mulher lhe disse: Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre”.

Vulgata Latina: “*dixit autem illi uxor sua adhuc tu permanes in simplicitate tua benedic Deo et morere*”.

Neste texto, assim também como em outras passagens deste livro (1.5; 1.11 e 2.5), a palavra hebraica traduzida em português como amaldiçoar nas versões em língua portuguesa é o verbo *bārēk*, que significa “ajoelhar”, “abençoar”, “louvar”, “saldar”, sendo entendido como “amaldiçoar” apenas se o sentido for eufemístico.¹⁰⁶ O aparato crítico da Bíblia Stuttgartensia confirma que, nessa passagem, essa palavra pode ser um eufemismo em vez da palavra וקלל (vəqillû) “e amaldiçoa” ou palavra similar.

Em todas as passagens em que esta palavra aparece como um provável eufemismo, sempre está ligada a Deus. O que pode ter ocorrido, então, é que o autor do livro de Jó, por respeito ao nome de *’ēlōhîm*, teve temor ao escrever a expressão “amaldiçoe a Deus”, e usou “abençoe a Deus” como eufemismo. “A palavra traduzida *blasfemado*, aqui em 1.11; 2.5, 9 (cf. 1, Rs 21.10, 13), é literalmente “bendito.” Pode ser um eufemismo introduzido pelos escribas, para evitar até mesmo a leitura de uma expressão tão horrível”.¹⁰⁷

Na versão da Vulgata Latina, a tradução está de forma literal – “*benedic Deo et morere*” (abençoa Deus e morre) –. Jerônimo, o tradutor da Vulgata, não teve a mesma interpretação. Isto demonstra, que o tradutor, não pode apenas saber o significado das palavras, mas precisa, também, compreender a cultura em que aquela língua está inserida.

3.4 Ambiguidades de sentidos.

Existem no grego e no hebraico, como também em outras línguas, palavras e expressões que podem ter dois ou mais significados, isto é, são ambíguas.¹⁰⁸ O problema se agrava quando estes significados em uma mesma palavra são

¹⁰⁶ HARRIS; ARCHER, 1998, p. 220.

¹⁰⁷ ANDERSEN, Francis I. **Jó: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão (Série Cultura Bíblica), 1989, p. 78.

¹⁰⁸ EKDAHL, Elizabeth Muriel Ekdahl. **Versões da Bíblia: por quê tantas diferenças?**. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 33, pdf.

antônimos. Isto que dificulta a tradução. Um caso bastante interessante está no texto abaixo.

3.4.1 Sétimo texto: Salmo 116.15

יָקָר בְּעֵינֵי יְהוָה הַמּוֹתָה לְחַסִּדָּיו:

yāqār b^e ‘ênê ‘ăḏōnāy hammāvtāh larrāsîdāyv.

Preciosa	aos olhos de	Adonai	a morte	de seus fiéis.
----------	--------------	--------	---------	----------------

Versão Bíblia de Jerusalém: “É custosa aos olhos de lahweh a morte dos seus fiéis”.

Versão Almeida Revista e Atualizada: “Preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos”.

Neste texto, a ambiguidade de sentidos se dá na palavra hebraica יָקָר (*yaqar*), que a versão BJ traduz como “custosa”, demonstrando que é ruim para Deus a morte de seus fiéis. Porém, a ARA traduz como “preciosa”, dando o sentido de que é boa para Deus a morte deles. A interpretação deste texto dependeria da versão escolhida pelo leitor. Vem então, a pergunta: a morte de um fiel é custosa ou preciosa para Deus?

Conforme Harris e Archer¹⁰⁹, a palavra *yaqar* pode significar “ser precioso”, “valioso”, “caro”, “ter em alta conta”. Os termos dão a ideia de que é precioso ou valioso, mas valioso no sentido de algo caro demais. Leva, assim, aos dois sentidos contrários.

É um processo difícil chegar a uma conclusão, se é bom ou ruim a morte de um fiel para Deus. Para escolher a melhor palavra é necessário analisar o contexto do texto, como fez Kidner¹¹⁰, ao dizer que, pelo fato de Deus ter livrado o salmista da

¹⁰⁹ HARRIS; ARCHER, 1998, p. 652.

¹¹⁰ KIDNER, Derek. **Salmos 73 – 150: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica – São Paulo: Mundo Cristão; Vida Nova, 1984, p. 425.

morte (versículos 3 e 8), torna-se mais provável a tradução apresentada pela Bíblia de Jerusalém (custosa), ou seja, custa caro para Deus.

3.5 Possíveis falhas nas traduções.

3.5.1 Oitavo texto: Provérbios 22.6

חֲנֹךְ לְנֶעֶר עַל־פִּי דַרְכּוֹ גַם כִּי־יִזְקֵן לֹא־יִסוֹר מִמֶּנָּה:

<i>hănōrr</i>	<i>lanna ‘ar</i>	<i>‘al-pî</i>	<i>darkô</i>	<i>gam</i>	<i>kî-yazqîn</i>
instrui	ao menino	conforme	seu caminho	pois	quando for velho
<i>lō'-yāsûr</i>	<i>mimmennāh</i>				
não desviará	dela.				

Versão Almeida Revista e Atualizada: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele”.

Versão Bíblia de Jerusalém: “Forma o jovem no início de sua carreira, e mesmo quando for velho não se desviará dela”.

Versão Vulgata latina: “proverbium est adulescens iuxta viam suam etiam cum senuerit non recedet ab ea”.

O texto acima possivelmente está mal interpretado, conforme a tradução interlinear feita acima. Uma tradução mais literal seria: "Instrui o menino segundo o seu caminho (o caminho próprio do menino); mesmo quando envelhecer, não se desviará dele". No texto não há a frase “no caminho em que deve andar”, mas, “segundo o seu caminho”. A supressão desta segunda frase pela primeira trouxe um prejuízo à compreensão da intenção do autor sagrado.

O leitor atual, não terá o direito de, ele mesmo, tentar interpretar ou entender o que o texto está querendo dizer com “ensinar a criança segundo o caminho próprio dela”. Esta tradução, se não for analisada à luz do texto original, trará conseqüentemente uma interpretação equivocada.

Kidner¹¹¹ diz que este “segundo o seu caminho” dá a entender que os pais devem ter respeito para com o individualismo e a vocação própria da criança, mas não para com sua própria vontade. Archer amplia esta interpretação, analisando a palavra hebraica דַּרְכּוֹ (*darkô*) “seu caminho”:

Quanto a *darkô*, é palavra que vem de *derek* (“caminho”); isso pode referir-se ao “costume generalizado de, segundo a natureza de, o modo de agir de, o padrão de comportamento de” uma pessoa. Parece que o texto implica que o modo de instrução deve ser governado segundo o estágio da vida da própria criança, conforme suas inclinações pessoais, ou então, como as traduções padronizadas mostram, “de acordo com o modo que é próprio à criança” – à luz da vontade de Deus, segundo os padrões de sua comunidade, ou de sua herança cultural¹¹².

A interpretação desta atenção que o pai ou a mãe deve ter para com a individualidade da criança, ao instruí-la, acaba não ocorrendo pela interpretação mal-trabalhada. Então, pode-se chegar à pergunta: por que não mudam esta tradução? Stuart¹¹³ diz que, quanto mais conhecida é a leitura de um versículo da Bíblia, tanto mais hesitarão as traduções modernas em contemporizar, mesmo quando não gostam dela, por medo de que as pessoas não comprarão uma Bíblia que mudou a composição de um de seus versículos favoritos.

3.6 Palavras que não têm correspondentes satisfatórios em português

Uma das dificuldades no processo de tradução do hebraico para o português, encontra-se na enorme diferença cultural e linguística. O início das dificuldades reside no vocabulário das línguas bíblicas. Os vocábulos muitas vezes não têm correspondentes satisfatórios em português. O campo semântico das palavras é muito particular e até mesmo estranho para nós.

3.6.1 Nono texto: Números 6.26

יְשֹׁא יְהוָה | פְּנֵי אֱלֹהֵי וַיִּשֶׁם לָהּ שְׁלוֹם:

¹¹¹ KIDNER, Derek. **Provérbios: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica – São Paulo: Mundo Cristão, Vida Nova, 1980, p. 142.

¹¹² ARCHER, Gleason L. **Enciclopédia de dificuldades bíblicas**. São Paulo: Vida, 1997, p. 266.

¹¹³ STUART, 2008, p. 65/66.

<i>yissā'</i>	<i>'ăḏōnāy</i>	<i>pānāyv</i>	<i>'ēleirrā</i>	<i>v̄yāsēm</i>	<i>ḥrrā</i>
Levante	Adonai	seus rostos	para ti	e dê	para ti
<i>shālôm.</i>					
paz.					

Versão Bíblia de Jerusalém: “lahweh mostre para ti a sua face e te conceda a paz!”.

Esta passagem bíblica faz parte do que é conhecido como bênção aarônica ou bênção sacerdotal, a qual começou sendo ministrada por Arão, irmão de Moisés. Esta forma de abençoar Israel foi dada por Deus a Moisés, o qual deveria mostra-lo para seu irmão. A bênção pode ser dividida em três partes apresentadas nos três versículos (Nm 6. 24-26), assim, também sendo chamada de tríplice bênção. Em cada parte da bênção deveria ser pronunciado o nome divino יהוה (YHWH).

Era uma bênção gradual, que findava no versículo apresentado acima (26), o qual era o ponto mais alto da bênção. Porém, o que se pretende trabalhar neste tópico, não é a bênção de modo geral, nem mesmo o versículo 26 inteiro, mas, somente a última palavra deste versículo, o termo שלום (*shālôm*), o qual é traduzido na língua portuguesa pela palavra “paz” na maioria das vezes.

Segundo Harris e Archer¹¹⁴, a palavra aparece 250 vezes em 213 versículos distintos, sendo um dos conceitos teológicos mais importantes do Antigo Testamento. O fato é que esta palavra tem um campo semântico muito amplo, e mesmo a palavra “paz” não é um correspondente satisfatório na língua portuguesa. E não apenas na língua portuguesa. Segundo Bauer¹¹⁵, *shālôm* não coincide perfeitamente somente com a palavra “paz”, mas também não com o termo latino *pax* e o termo grego εἰρήνη (*eirene*).

“Ausência de guerra” não é o único significado para esta palavra. A gama de significados vai além disso. “Inteireza, integridade, harmonia e realização são ideias mais próximas do significado da palavra. Em *shālôm* se acha implícita a ideia de

¹¹⁴ HARRIS; ARCHER, 1998, p. 1573.

¹¹⁵ BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica: Volume 2, Juízo – zelo**. 3. ed. – São Paulo: Loyola, 1983, p. 823.

relacionamentos não abalados com outras pessoas e de sucesso da pessoa nas suas empreitadas”.¹¹⁶

Para Israel o conteúdo de *shalôm* pode ser descrito como segue: “*shalôm* significa harmonia total dentro da sociedade, a qual, em razão da ordem, é impregnada da bênção de Deus, o que torna possível um crescimento do homem, livre e sem empecilhos, em todas as direções”. Isto explica porque *shalôm*, um conceito de âmbito tão vasto, seja usado tanto na vida diária como para exprimir as mais sublimes esperanças religiosas.¹¹⁷

A pessoa que alcançou *shālôm* obteve a bênção de Deus de forma completa. O reino de Salomão parece ter alcançado *shālôm*. O texto de 1Reis 4.24, reflete a segurança da nação nos dias pacíficos de Salomão, quando a terra e os países vizinhos tinham sido subjugados. Nenhum reino parece ter alcançado a extensão de terra em Canaã como o reino de Salomão, nem mesmo a riqueza e a prosperidade. A inteireza prometida por Deus cumpriu-se em Salomão.

Shālôm descreve, assim, este estado de plenitude e realização, que é resultado da presença de Deus. Segundo Harris e Archer¹¹⁸, *shālôm* é a consequência de quem alcançou de forma completa a bênção araônica, ou seja, o homem que foi abençoado (*barak*), guardado (*shamar*) e tratado graciosamente (*hanan*) por lavé, alcançou *shālôm*.

Assim, o significante *shālôm* tinha um significado bastante amplo para um israelita do Antigo Testamento, diferente do significado gerado pelo significante “paz” na língua portuguesa. Assim, a tradução se torna insuficiente para uma total compreensão desta palavra. É necessário verificá-la na língua original, a língua hebraica. A pregação ou ensino pode tornar-se, assim, mais rico e profundo.

¹¹⁶ HARRIS; ARCHER, 1998, p. 1573.

¹¹⁷ BAUER, 1983, p. 823.

¹¹⁸ HARRIS; ARCHER, 1998, p. 1574.

CONCLUSÃO

A pesquisa deixa claro aqui que a relevância das línguas originais na exegese não se dá apenas pelo fato de haver problemas na tradução. Sabe-se que há outros “porquês” de compreender tais línguas, como por exemplo, um dos primeiros passos do método histórico-crítico, a crítica ou análise textual, que exige uma boa compreensão da língua original da Bíblia para a classificação das variantes encontradas na tradição do manuscrito e escolha daquelas que têm melhor condição de representar a leitura original.

Porém, esta pesquisa vem proporcionar enriquecimento a esta questão da relevância das línguas originais das Sagradas Escrituras. O tema não é tão novo, mas ainda precisa ser abordado e discutido, principalmente na atualidade, diante de tantas novas versões que se apresentam ao leitor, do pouco interesse em aprendê-las e consultá-las (língua original da Bíblia) no processo exegetico, das novas e várias teologias que estão surgindo, supostamente apoiadas na Bíblia, entre outros. Enfim, é preciso haver um despertar para uma exegese mais responsável e acurada.

Assim, também, torna-se oportuno lembrar que neste trabalho, apesar da língua hebraica ser mostrada, todo o tempo, como relevante, tem-se consciência de que esta é mais um dos vários componentes ou materiais igualmente importantes, usados em uma metodologia exegetica. Pois é claro que em nem todos os textos bíblicos as línguas originais serão relevantes, de modo a trazer alguma informação importante. Às vezes, a informação relevante no texto estará apenas no contexto histórico, cultural, ou em outro tipo de contexto. Porém, não há como saber. É necessário verificar o texto usando todo método de exegese disponível. O exegeta deve “escavar” com um material, e se não encontrar o “tesouro”, escavar com o material seguinte.

Não há como negar, diante desta pesquisa, que o hebraico bíblico é um recurso imprescindível na exegese. Porém, poucos têm acesso a esse material, pois não é fácil aprender a língua hebraica. Ela tem diferenças em toda a sua estrutura em relação à estrutura da língua ocidental, no que se refere ao seu alfabeto, na direção da escrita, na morfologia, sintaxe, enfim, toda uma diferença com que o estudante se depara, encontrando dificuldades desde a fonética.

Mesmo diante de tais dificuldades, pode-se dizer a quem pretende estudar a língua hebraica, que valerá o esforço em aprendê-la. Como disse Lutero em uma carta dirigida aos vereadores de todas as cidades alemãs em 1524:

Tanto quanto apreciamos a palavra de Deus, tanto devemos nos esforçar também por aprender esses idiomas. Porque não foi em vão que Deus decidiu transmitir as Suas Escrituras nessas duas línguas: o Antigo Testamento em hebraico e o Novo Testamento em grego. Se Deus não desprezou esses idiomas, mas os escolheu dentre tantos outros, para que neles fosse escrita a Sua Palavra, também nós deveríamos honrá-los acima de todos os outros.¹¹⁹

Esta pesquisa traz ainda como conclusão que toda tradução é em si mesma uma forma (necessária) de interpretação. Assim, todo leitor deve ter consciência de que, qualquer tradução ou versão atual da Bíblia, que chegue a suas mãos, é, na verdade, o resultado final de um trabalho não apenas de tradução, mas, também, inevitavelmente, de interpretação. Os tradutores são regularmente conclamados a fazer escolhas quanto ao significado, e suas escolhas irão afetar o entendimento do leitor da tradução. O leitor tem, então, duas alternativas: ou esmera-se por fazer uma tradução própria do texto que pretende compreender e, assim, tirar ou confirmar conclusões mais seguras do texto, ou estará condicionado a aceitar e confiar cegamente na tradução e interpretação que os outros já fizeram.

Claro que, apesar da famosa frase “*traduttore, traditore*” (“tradutor, traidor”), nem sempre a culpa é do tradutor, quando se trata de problemas de tradução, pois, existem alguns aspectos, que ocorrem no processo de tradução, que fogem até mesmo do controle do tradutor, como, por exemplo, a paronomásia, que, como foi mostrado neste trabalho, é peculiar à própria língua e acaba perdendo-se na tradução.

É por estes problemas e outros de tradução que se confirma a necessidade de ler os textos sagrados a partir de suas línguas originais, para resgate de intenções do escritor sagrado e impactos causados aos primeiros leitores, não percebidos ou perdidos na tradução, que podem levar a uma nova e, por que não dizer, real compreensão do texto.

Este trabalho abre, assim, espaço para futuras ampliações no seu corpo, ou para outros trabalhos, pois, teve como objetivo trabalhar apenas com a língua

¹¹⁹ LUTERO *apud* REGA, Lourenço Stelio. **Noções do grego bíblico: gramática fundamental.** - São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1.

hebraica, e assim, também, somente com o Antigo Testamento, deixando de lado a língua original grega e igualmente, o Novo Testamento. Leva-se, porém, em conta, ainda, que o trabalho foi realizado apenas com problemas de tradução como um dos principais motivadores para o uso das línguas originais, e como já foi dito acima, há outros “porquês”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 1985.

A BÍBLIA é livro mais vendido e traduzido de todos os tempos. Disponível em: <http://igrejaanglicana.com.br/yiw_news/a-biblia-e-livro-mais-vendido-e-traduzido-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 8 jan. 2013.

A BÍBLIA Sagrada. Hebraico. Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

ANDERSEN, Francis I. **Jó: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão (Série Cultura Bíblica), 1989.

ARCHER, Gleason L. Enciclopédia de dificuldades bíblicas. São Paulo: Editora Vida, 1997.

ARTHUR, E. Cundall; MORRIS, Leon. **Juízes e Rute: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão (Série Cultura Bíblica), 1986.

BARNWELL, Katharine. **Tradução bíblica: Um curso introdutório dos princípios básicos de tradução**. Traduzido por MEADER, Mabel. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1979.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica: Volume 2, Juízo – zelo**. 3. ed. – São Paulo: Loyola, 1983.

BEEKMAN, John; CALLOW John. **A Arte de Comunicar e Interpretar a Palavra Escrita**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

BÍBLIA de Estudo Pentecostal Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Edição de 1995.

BIBLIA Sacra Iuxta Vulgatam Versionem. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/1983.

BROADUS, John A. **O Preparo e a Entrega de Sermões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística**. 7. Ed. – Rio de Janeiro: Globo, 1988.

CARSON, D. A. **A exegese e suas falácias: perigos na interpretação da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

CAVALCANTI, Mônica Regina Lopes. **Empréstimos: a influência da língua inglesa na língua hebraica moderna**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Letras. Orientador: Prof^a. Dra. Eliana Rosa Langer. 2009, pdf.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo: Deuteronomio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, Volume 2**. 2. ed. – São Paulo: Hagnos, 2001.

CHAVES, Gilmar Vieira – **Qual a definição de didática mesmo?** – in. Portal do Educador Cristão. Disponível em: <<http://portaldoeeducadorcristao.com.br/Orientacao-Pedagogica/Artigo/49/Qual-A-Definicao-De-Didatica-Mesmo->>, postado em 11 abr. 2012. Acesso em: 30 jan. 2013.

COSTA, Rev. Hermisten M. Pereira da. **Curso introdutório de homilética**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/pregacao/curso_homiletica_hermisten.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2012.

DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. Editado em português pelo Rev. Dr. Russell P. Shedd – São Paulo: Vida Nova, 1998.

EKDAHL, Elizabeth Muriel Ekdahl. **Versões da Bíblia: por quê tantas diferenças?**. São Paulo: Vida Nova, 1993, pdf.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FERREIRA, Fabiano Antonio. **As lentes do tradutor e do exegeta: Um Ensaio em metodologia exegética aplicada ao antigo testamento com estudo de caso em Jeremias 1.11-12**. Fides Reformata XII, n. 2 (2007): p. 27-41. Documento em pdf.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Língua Hebraica: Aspectos Históricos e Características**. Texto publicado em Estudos de Religião 21, Ano XV, dezembro, 2001, p. 165-195, sob o título “Características da Língua Hebraica: Hebraico Arcaico, Hebraico Pré e Pós-Exílico, Hebraico de Qumran e Hebraico Massorético de Tiberíades”.

_____. **Manual da Bíblia hebraica: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 3. ed. revisada e ampliada – São Paulo: vida Nova, 2008.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do NT grego/português**. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1983. 228 p. pdf.

GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do hebraico**. 2. ed. rev. – São Paulo: Vida Nova, 2008.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, JR., Gleason L; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova. 1998.

HUBBARD, David Allan. **Joel e Amós: introdução e comentário**. Organizador geral Donald J. Wiseman; tradução Márcio Loureiro Redondo (Cultura bíblica; v. 22) – São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 225.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à Hermenêutica Bíblica: como ouvir a palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KELLEY, Page. **Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória**. Tradução de Marie Ann Wangen Krahn. – São Leopoldo, 1998.

KIDNER, Derek. **Salmos 73 – 150: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica – São Paulo: Mundo Cristão, Vida Nova, 1984.

_____. **Provérbios: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica – São Paulo: Mundo Cristão, Vida Nova, 1980.

MALANGA, Eliana Branco. **A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas /FAPESP, 2005, p. 115. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=mfmr8jQkri8C&pg=PP9&lpg=PP6&ots=JkFcQ3i46g&dq=A+B%C3%ADblia+Hebraica+como+obra+aberta:+uma+proposta+interdisciplinar+para+uma+semiologia+b%C3%ADblica.&hl=pt-BR>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

MENDES, Paulo. **Noções de hebraico bíblico**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Isaias Lobão. **Manual de exegese bíblica: metodologia histórico gramatical**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/comentarios/manual_exegese.pdf >. Acesso em: 8 jan. 2013.

REGA, Lourenço Stelio. **Noções do grego bíblico: gramática fundamental**. - São Paulo: Vida Nova, 2004.

RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário**. (Série Cultura Bíblica) – São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1986.

SANTOS, Valdeci da Silva. **Educação Cristã: conceituação teórica e implicações práticas**. FIDES REFORMATATA XIII, n. 2 (2008): 155-174, pdf.

- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEPTUAGINTA. Antigo testamento grego. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. – São Paulo: Paulinas, 2000.
- SILVA, Severino Pedro da. **Homilética: o pregador e o sermão**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 1992.
- SOUZA, Marcos Antônio de. **O Dicionário de Hebraico Bíblico de Brown, Driver e Briggs (BDB) Como Modelo de Sistema Lexical Bilíngue – Um Estudo da Lexicografia Hebraica Bíblica Moderna**. Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Orientador: Professor Doutor Philippe Humblé, Florianópolis, 12 de dezembro de 2008.
- STUART, Douglas. **Manual de Exegese Bíblica: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- TAYLOR, William Carey. **Introdução ao estudo do Novo Testamento grego: dicionário**. 6. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1980. 247 p.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. 7. ed. revista e atualizada, São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- ZABATIERO, Júlio. **Manual de Exegese**. – São Paulo: Hagnos, 2007
- ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradução Cesar de F. A. Bueno Vieira. – São Paulo: Vida Nova, 1994.